



HAL
open science

Galegos para as Américas no século XIX documentados em Portugal

Henrique Rodrigues

► **To cite this version:**

Henrique Rodrigues. Galegos para as Américas no século XIX documentados em Portugal. XV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles, Nov 2012, Madrid, Spain. pp.959-989. halshs-00876186

HAL Id: halshs-00876186

<https://shs.hal.science/halshs-00876186>

Submitted on 24 Oct 2013

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Actas
Congreso
Internacional
América
Latina:
La autonomía
de una región

XV Encuentro de
Latinoamericanistas
Españoles

Actas del Congreso Internacional “América Latina: La autonomía de una región”, organizado por el Consejo Español de Estudios Iberoamericanos (CEEIB) y la Facultad de Ciencias Políticas y Sociología de la Universidad Complutense de Madrid (UCM), celebrado en Madrid el 29 y 30 de noviembre de 2012.

Editores:

Heriberto Cairo Carou, Almudena Cabezas González, Tomás Mallo Gutiérrez, Esther del Campo García y José Carpio Martín.

© Los autores, 2012

Diseño de portada: tehura@tehura.es
Maquetación: Darío Barboza
Realización editorial: Trama editorial
trama@tramaeditorial.es
www.tramaeditorial.es
ISBN-e: 978-84-92755-88-2

GALEGOS PARA AS AMÉRICAS NO SÉCULO XIX DOCUMENTADOS EM PORTUGAL

Henrique Rodrigues

Resumo

A ausência de investigação sistematizada sobre galegos fixados no Norte de Portugal, temporária ou definitivamente, dificulta o conhecimento em pormenor do perfil destes imigrantes. Muitos protagonizaram mobilidades de estadias curtas, seguidas da emigração de longa distância, tendo embarcado em direcção às Américas, depois de terem experimentado a fixação temporária ou mesmo prolongada em Portugal.

Com esta comunicação pretende-se, a partir do estudo dos passaportes emitidos no distrito de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal), entre 1838-1900, caracterizar o perfil dos galegos por ano de saída e indicadores de alfabetização; estudar o movimento por estado civil e instrução, caracterizando tal fluxo por anos de idade, quadros sócio-culturais e profissionais e áreas de origem geográfica e destino. Para o efeito, usaremos uma base de dados onde constam cerca de quatro mil e quatrocentos movimentos, sendo que alguns deles representam emigrantes com retorno seguido de nova viagem. Pretendemos saber quem eram estes galegos documentados em Viana. Onde residiam? Que tipo de mão-de-obra representam? Também nos interrogamos sobre o perfil de literacia, partindo da análise às assinaturas existentes nos passaportes e nos respectivos processos de aquisição de licença de viagem. Face aos índices de alfabetização, estaremos perante movimentos de massas ou saída de elites de oitocentos?

Introdução

A emigração, nas distintas formas em que aparece configurada, desde a segunda metade do século XVIII, é uma característica estrutural da sociedade galega. Trata-se de um fenómeno que emerge de múltiplos factores, como os de natureza económica, livre, individual e voluntário, (González, 1995: 93) por oposição aos movimentos baseados em critérios políticos, raciais, religiosos ou por motivações de natureza bélica que chegaram à contemporaneidade (Galdo, [1995]: 10-13). Por tudo isto, esta temática tem merecido grande atenção dos investigadores galegos, como o provam as múltiplas reuniões científicas ⁽¹⁾, onde a mobilidade de pequena, média e longa distância tem sido abordada. De tais iniciativas resultaram variadíssimas publicações em livro ⁽²⁾ ou revistas da especialidade ⁽³⁾. O conhecimento dos respectivos indicadores básicos, mas bem precisos, ⁽⁴⁾ - sobre os movimentos, sazonalidade, caracterização demográfica de zonas de expulsão e atracção, - deve-se ao trabalho coordenado por Eiras Roel, relativamente à região da Galiza, cujos resultados ainda hoje são referências a ter em boa nota.

Da mesma forma como o fizeram os portugueses da área de fronteira do Noroeste de Portugal, com destaque para o distrito de Viana do Castelo, de onde se movimentaram para o Brasil, África e mesmo para a Galiza ⁽⁵⁾, os galegos traçaram percursos idênticos ⁽⁶⁾, originando uma mobilidade permanente ⁽⁷⁾ e intercâmbio de mão-de-obra ⁽⁸⁾, na

¹ A “1st European Conference of the International Commission on Historical Demography”, realizada em Setembro de 1993, é o exemplo paradigmático deste empenho científico na pesquisa sobre migrações, de que resultou um bom tomo de pré-actas relativo à Península Ibérica. Também o projecto coordenado pelo Eiras Roel, especificamente para a Galiza, com um conjunto de trabalhos divulgados em ROEL, António Eiras- (editor) *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas, 1992. Para não alongar a lista destes eventos e publicações, que serão referenciadas no momento apropriado, destacamos a não menos importante audácia de María Xosé Rodríguez Galdo e da equipa de editores que puseram em marcha a revista «*Estudios Migratorios*», cujo primeiro número foi publicado em 1995, onde já se encontra um primeiro balanço sobre a «*Bibliografía da Emigración Galega 1900-1995*», muito útil para a temática em causa e especialmente para esta região de Espanha. A merecer registo especial, temos os vários congressos promovidos da Asociación de Demografía Histórica com dedicada atenção à problemática, de que se realçam os de Alicante, em 1991; Bilbao, em 1995; Logroño, 1999 e, mais recentemente, em Mão (Menorca), 2007, de que se publicaram as respectivas actas em suporte digital.

² A “Xunta de Galicia”, nos últimos anos, tem dedicado especial atenção a esta problemática, através da publicação de várias obras, na série “*A Nosa Diáspora, da Emigración á Galeguidade*”, onde se publicaram trabalhos de áreas diferentes, como: literatura, economia, demografia, história e etnologia, estudos que terão uma atenção neste texto.

³ Veja-se a revista *Estudos Migratórios* que entrou na segunda série em 2008, depois de 16 números publicados entre 1985 e 2003, editada pelo Consello de Cultura Galega, Arquivo da Emigración Galega, onde se encontra um repositório riquíssimo de estudos e recensões sobre a temática em causa.

⁴ Para uma perspectiva sobre quantitativos e fluxos ver CARMAGNANI, 1994; ALONSO, 1995; KLEIN, 1996.

⁵ A permanência de portugueses na Galiza, segundo o censo de 1877, era constituída maioritariamente por pessoas qualificadas radicadas nas províncias de Orense e Pontevedra, cujos números, relativos a todos os forasteiros, correspondiam a 60,7% de imigrantes, sublinha CASTELAO, 1993: 46-47. Relativamente aos contingentes masculinos, saídos do Alto-Minho para esta região de Espanha, consultar RODRIGUES, 2007.

⁶ Embora esteja mal conhecida a amplitude deste fenómeno, para a primeira metade da centúria, ele transformou-se no elemento mais definidor da povoação galega contemporânea como sublinha PAZ, 1981: 228-229.

perspectiva de encontrarem melhores condições de vida em Portugal ⁽⁹⁾. Uns fixaram-se nas áreas da Ribeira Minho ⁽¹⁰⁾, outros seguiram para o Porto, ⁽¹¹⁾ Lisboa, ⁽¹²⁾ Viana ⁽¹³⁾ e mais localidades. Mas, ao longo do século XVIII, paralelamente a esta mobilidade de média distância, intra-peninsular, inicia-se a corrente de características populares em direcção à América.

Além da produção literária dada a lume sobre o povo galego, ainda nos debatemos com impressionismos e representações sarcásticas ⁽¹⁴⁾, seja pela mobilidade temporária ou definitiva do galego. A ausência de estudos de microanálise, centrados nos actores das migrações, dificulta o conhecimento pormenorizado dos perfis destes imigrantes vindos da margem Norte do rio Minho ⁽¹⁵⁾. A falta de registos sistemáticos é um escolho destes estudos (GARCÍA, 2002: 17) e alimenta imagens escarnecedoras sobre a quem deixou a Galiza para ocupar-se em trabalhos de baixo nível e pouca promoção social, por se tratar de «una masa laboralmente indiferenciada de origem rural caracterizada por estancias cortas (...) su carácter de masa proletaria típica del éxodo rural» (Castelao, 1993: 49). Mas, estes galegos evidenciaram capacidades de integração, disseminando-se entre os movimentos de minhotos e transmontanos, percorrendo trajectórias e percursos idênticos e ostentando comportamentos sócio-culturais semelhantes aos portugueses. Tal asserção pode comprovar-se a partir das relações maritais entre galegos e portuguesas donde resultava, por vezes e para efeitos de benefícios militares, a opção dos descendentes nascidos destes casamentos pela naturalidade espanhola, de forma a poderem abandonar as terras lusas sem as peias impostas pela lei portuguesa. São vários os exemplos de filhos de imigrantes galegos nascidos na terra de residência dos pais, documentadas com licença de viagem em Viana do Castelo.

Tivemos ocasião de divulgar alguns resultados de investigação sobre a mobilidade de galegos com licença obtida em Viana para um período pré-estatístico ⁽¹⁶⁾, embora os cálculos não expressassem relevo quantitativo. Mas, com esses elementos, foi-nos possível indicar aspectos dos perfis do imigrante galego fixado em Portugal que optou pelo embarque nas terras lusas, atravessando o Atlântico. As conclusões iam no sentido oposto ao enquadramento sócio-cultural e profissional do galego rude, inurbano, sem capacidades intelectuais, porque não se identificavam com os destituídos de saberes letrados. Ao estudarmos o movimento de forma sistemática, documentado no Governo Civil de Viana do Castelo, entre 1838 e 1900, encontrámos naturais de Tomiño, Rosal, Goyan, Tabagon, Caniza, entre

⁷ A circulação na linha divisória de Portugal e Espanha, com a lei de 7 de Abril de 1863, foi facilitada aos «hespanhoes ou portugueses habitantes da raia, e conhecidos como classe d'aquelles que em continuo giro entram neste reino ou d'elle saem por causa do seu constante comercio (...) está em pratica a sua livre admissoão e saída». DG nº 75, de 7 de Abril de 1863, pp. 974-975. (Carta de lei de 31 de Janeiro de 1863); DG nº 77, de 9 de Abril de 1863. (Regulamento geral de policia para o trânsito no Continente do Reino e nas Ilhas Adjacentes, entrada de viandantes e sua saída para o estrangeiro). Com esta lei extinguiram-se os passaportes internos em Portugal, tendo sido criados os salvo-condutos e as cédulas interinas para estrangeiros, cédula de admissão no Reino para nacionais, entre um total de nove documentos de controlo das saídas e entradas de fronteira.

⁸ Desde o século XVI assiste-se a um intenso movimento transfronteiriço, cuja fixação de galegos está expressa na onomástica que ainda povoa esta região portuguesa. MOREIRA, 1985: 87.

⁹ Para uma visão do fenómeno migratório da Galiza, circunscrita a fontes de âmbito paroquial, veja-se LOPO, 1989: 137-169; 2009: 63-78.

¹⁰ Cerveira irrompe como uma das terras mais procuradas, atraindo gentes de Goyan, Tomiño e Forcadela, enquanto Melgaço exhibe o segundo maior volume de residentes da margem esquerda e destacam-se os vizinhos de Padrendo, da província de Orense. Ver quadros sobre residências dos galegos com passaporte.

¹¹ O Noroeste de Portugal é paradigmático e revela o nível de atracção exercido pelo espaço urbano sobre o mundo rural, onde o galego representa o maior contingente de estrangeiros. Tal volume confere uma marca de destaque e, ao mesmo tempo, de inserção na comunidade, originando uma imigração com marcas quase invisíveis, devido à boa integração social e cultural entre os naturais do Minho. A fixação prolongada, isto é, com mais de vinte anos, foi anotada em certidões de residência. Alguns galegos chegam a permanecer em Portugal trinta e quarenta anos, depois decidiram abandonar a primeira terra de acolhimento, embarcando para a América. Outros limitam a permanência a um ou dois anos e saem devido à insatisfação dos propósitos que os trouxeram a Portugal. Sobre a presença de galegos no Porto, ver SILVA, 1984.

¹² A *Historia dunha emigración difusa*, coordenada por Xan Leira, é um bom exemplo de repositório de memórias de galegos em Lisboa. Nesta colectânea de textos e testemunhos vivos de autores de renome engrandecem a cultura galega. Ao longo de meio milhar de anos, os galegos não só se inseriram social e culturalmente na capital portuguesa, como mantiveram esse amor pela terra onde nasceram, a que se podia chamar “galicidade”, uma saudade cultivada e transmitida às gerações de portugueses de sangue galego, uma nova entidade com marcas indeléveis neste destino migratório, LEIRA, 2008. Remetemos para os números dos censos de 1890 sobre «estrangeiros», onde a capital retém um contingente muito expressivo, com 19 693 indivíduos, enquanto o distrito de Viana tinha 1528 galegos arrolados, distribuídos ao longo da linha de fronteira, com destaque para Viana, Valença, Monção, Caminha e Melgaço. *CENSO da população do Reino de Portugal*. 1896: 2 e 16.

¹³ Devemos sublinhar a existência de uma colónia de galegos em Viana desde finais de oitocentos, cujas marcas culturais se encontram ao nível da manutenção da língua nas ruas da Ribeira de Viana nos primórdios do século XX e a presença de apelidos usados pelos descendentes de hoje, assim como as marcas etnográficas de orações, superstições, devoções e ritos. MOREIRA, 1985: 85.

¹⁴ O “galego”, em Portugal, é o homem que se dedica exclusivamente ao trabalho, que o faz para melhorar e aumentar os haveres, por isso os atributos emprestados aos “peregrinos do trabalho” como justifica ALVES, 1997: 69-91.

¹⁵ Na primeira metade da centúria, os galegos entrados em Portugal são jovens evadidos estrategicamente ao cumprimento do serviço militar, ocupando-se em actividades menos valorizadas socialmente, de pouca consideração e ainda no pequeno comércio, mas têm no perfil social o registo de «clase honrada e utilissima» e de criados fiéis e dotados de capacidades intelectuais. TABOADA, 1993: 334.

¹⁶ A utilização de fontes, onde se encontram os percursos pessoais e individuais, também não permite colmatar todas as lacunas existentes nas estatísticas, pois proporcionam um campo de trabalho empírico complementar mas, além de permitirem a observação das variações, são importantes para a micro análise ao nível dos espaços geográficos mais reduzidos, as aldeias e as pessoas que delas partiram. Se o *corpus* documental proporciona abordagens qualitativas e quantitativas, as maiores dificuldades advêm do volume da massa documental a analisar, que pode atingir mais de uma centena de milhar de documentos para um universo trinta mil emissões de passaportes. Sobre estas fontes, no que concerne à Galiza, ver GONZÁLEZ, 1996: 139-175.

muitas outras áreas, a requerer passaporte com destino à América Latina, especialmente para o Brasil ⁽¹⁷⁾, cujos perfis eram diferentes dos descritos pela literatura sobre o galego, como sublinhámos.

As principais questões, que desejamos abordar neste congresso, levam a interrogarmo-nos sobre o indivíduo, o protagonista da saída, a pessoa impetrante do passaporte. Eis algumas perguntas: Onde estavam fixados? Tratar-se-á de um movimento dominado por mão-de-obra homogênea e desqualificada? Que perfil social e profissional reuniam estes imigrantes? Eram escolarizados? Como se distribuem relativamente a estados civis, grupos etários e anos de idade? Quando decidiram abandonar a terra do primeiro acolhimento (Portugal)? Para este um conjunto de interrogações, tentaremos respostas, embora a informação seja parcimoniosa para alguns itens, relativamente ao período em estudo e nomeadamente para os embarcados rumo à ex-colónia portuguesa ⁽¹⁸⁾. Ainda analisaremos os perfis etários e os movimentos sazonais, entre outras variáveis, como a distribuição por indicadores de cultura letrada. Estes exercícios permitem conhecer melhor a capacidade de comunicação do galego por escrito ⁽¹⁹⁾, pois a abordagem centra-se nas firmas existentes nos documentos compulsados, de onde emergem sinais para o exercício e circulação da correspondência das migrações ⁽²⁰⁾.

As fontes

Os Governos Civis, desde a sua criação em 1835, reuniram uma massa documental de valor inestimável e riquíssima para os estudos das mobilidades. Entre os vários *corpus* existentes constam os *Livros de Registos de Passaportes*. A estrutura desta fonte está organizada com informações sumárias sobre os transeuntes, identificando-os quanto à filiação, idade, profissão, local de nascimento, residência, destino, perfis antropomórficos, capacidade de ler e escrever (firma), sinais e outras marcas físicas, por forma a evitar o uso indevido de um documento pessoal e intransmissível. Tais perfis completam-se com os *«processos»*, certidões organizadas com a finalidade de controlar a mobilidade e a obtenção da licença, exigidas para efeitos de desembarque legal. Estes últimos, os processos, contêm várias peças como: certificados de nacionalidade para residentes, ⁽²¹⁾ autorizações, ⁽²²⁾ cédulas de *«empadronamiento para cabezas de familia»*, ⁽²³⁾ certidões de baptismo, salvo-condutos ⁽²⁴⁾, além passaportes, emitidos na América Latina, para regresso à Galiza e outros “papéis” como cartas ⁽²⁵⁾ para a saída da esposa e ou os membros do lar.

¹⁷ Fizemos, em 1992, uma abordagem às saídas legais de galegos com passaporte, entre 1838 e 1860, cujo total pouco passava da meia centena de casos. Nesse estudo de caso, já se observa a presença de galegos detentores de um bom nível da cultura letrada, onde mais de sessenta e quatro por cento assinaram os documentos processuais ou os *Livros de Registos de Passaportes*. RODRIGUES, 1992: 177-184.

¹⁸ Ao confrontarmos a distribuição anual de «españoles», elaborada por Herbert Klein, com as emissões de passaportes a galegos, especialmente para os anos de maior movimento em Viana do Castelo, somos colocados perante a existência de cálculos muito diferentes, pois em 1873 temos 437 casos, em 1874 há 762 e em 1875 são 757 galegos. O autor referido, para o mesmo período dá conta de 39 espanhóis, mas nós contabilizámos mais de mil e novecentos indivíduos embarcados para o Brasil. Confrontar o quadro 1, onde apresentámos todo o fluxo, com KLEIN, 1996: 144. Além do que já referenciamos sobre esta problemática, veja-se VÁZQUEZ, 1998: 99.

¹⁹ Ao termos acesso às respectivas assinaturas, conseguimos traçar aspectos da cultura letrada de quem obteve documentos de viagem. Juntamos a estes elementos cartas escritas para a família, algumas delas enviadas desde a Argentina e em castelhano. A correlação profissional sem um quadro de alfabetização pode induzir em juízos infundamentados, atribuindo o estatuto de analfabetos à massa de emigrantes classificados como “jornaleros y agricultores”, como o quer apontar ALONSO, 1995: 167.

²⁰ Sobre a temática ver: SEIXAS e LOPO; 2011.

²¹ Cf. *Proceso de passaporte n° 394*, livro n° 27, folha 19v, em nome de Ramon Costa Garcia, imigrante residente na rua de Santa Catarina, n° 12, desde 1872, tendo requerido documento de embarque em 1875.

²² As autorizações, solicitadas de acordo com a própria lei, eram concedidas pelos pais aos filhos menores, assim como à mulher casada ou solteira sob a autoridade do marido/pai, que tinha de apresentar documento de prova em como lhe era consentida a saída de casa para seguir rumo a outras terras. Estes documentos permitem abordagens qualitativas ao fenómeno, pois muitas das autorizações foram elaboradas pelos próprios chefes de família e outras foram exaradas na correspondência, quando os homens estavam ausentes.

²³ Estes documentos fazem parte dos processos para requisição de licença de muitos impetrantes. Registamos alguns concedidos gratuitamente *«para pobres en toda clase de poblaciones»*; outros foram tributados com recurso a selos fiscais. Cf. *passaporte n° 336*, livro n° 23, folha 79, emitido em 15 de Março de 1874, em nome de Enrique Maria Sesto, casado, professor de instrução primária, embarcado com a esposa para Buenos Aires, cuja cédula era *«especial de 2ª classe»*. Outro caso diz respeito a José Benito Gago, com *«cédula para pobres»* obtida sem custos. Cf. *passaporte n° 1094*, livro n° 22, folha 90. O processo reúne outros documentos onde consta a profissão de padeiro, 23 anos de idade, natural de Moaña (?) com passaporte para Montevidéu. Estes talões estão numerados e funcionam como documentos de identificação depositados em arquivo. Na origem (Galiza), devia haver o complemento desta fonte, o “canhoto”. Entre outros aspectos, proporcionam o estudo das assinaturas, o perfil fisionómico, a análise aos níveis etários, naturalidades, profissão, nome e assinatura do alcaide. O verso também retine informações com valor para outros estudados, pois contém o visto do vice-consulado, a data e as respectivas rubricas. Fica aqui o desafio aos colegas da Galiza e Espanha para localizarem estas fontes e analisarem a mobilidade com recurso a tais documentos.

²⁴ Como exemplo, retemos para o *proceso do passaporte n° 33*, livro n° 29, folha 171v, em nome de Manuel Martinez y Pires, conforme consta na assinatura. Era um menino de 12 anos, natural de Rosal, “lavrador” de profissão, que veio a Viana requerer licença com destino a Buenos Aires, mas assinou com letra caligráfica, própria de um rapaz bem instruído.

²⁵ Outros documentos podem ser explorados para estudo da imigração, como o registo de títulos de residência de estrangeiros. Para o Alto-Minho, existem inventariadas as *«Relações de passaportes passados a estrangeiros»* em 1853, com presença notada em Valença e Caminha, onde foram arrolados, respectivamente, doze e quarenta e dois indivíduos, dirigindo-se estes últimos para a capital do Alto-Minho e os primeiros para o Porto e Lisboa. Cf. A.G.C., *Relações de passaportes passados a estrangeiros*, maço 1.17.6.10.2. Sobre a presença de imigrantes italianos, veja-se AGC, processo n° 1.18.1.5.1.6, *Italianos residentes no districto*, maço relativo ao concelho de Arcos de Valdevez, onde há uma descrição de pormenor

O movimento em estudo, através destas fontes, corresponde a 2443 autorizações de embarque⁽²⁶⁾ tendo sido alguns identificados pelas autoridades como espanhóis ou simplesmente galegos. Se a maior parte exhibe o nome da província de origem, alguns fazem apenas alusão ao município, mas muitos têm indicação da paróquia respectiva, aqui apontada pelo orago. Deste quadro resultam, por vezes, dificuldades na descodificação do nome da paróquia de baptismo. A este problema acresce, ainda, a existência de cadastros escritos em português, o que provoca distorção no averbamento de nomes originais, por não terem sido anotados em castelhano ou galego⁽²⁷⁾.

Também identificámos cerca de seis dezenas de indivíduos com mais de uma travessia⁽²⁸⁾, a quem atribuímos o estatuto de “reemigrantes”⁽²⁹⁾. Alguns foram dados como domiciliados no Porto, com indicação precisa do nome da rua e número de polícia, contudo só constam elementos relativos à residência em Portugal relativamente a quatro centenas de pessoas, das quais 375 se tinham fixado no Porto⁽³⁰⁾ e nas terras de fronteira com o Alto-Minho.

O facto de continuar em aberto o problema dos volumes de contingentes galegos⁽³¹⁾ embarcados para a América e o de não haver elementos estatísticos capazes de superar esta questão, acrescido da presença de imigrantes radicados em Portugal⁽³²⁾, que tomaram a decisão de fazer nova viagem, leva-nos a dar ênfase aos fluxos de naturais Pontevedra⁽³³⁾, grupo com o maior presença nestes fluxos⁽³⁴⁾.

Movimento de galegos e indicadores de literacia

Os galegos imigrantes em Portugal, com autorização de embarque dada em Viana do Castelo para atravessarem o Atlântico, concentram a maior parte do fluxo na década de setenta⁽³⁵⁾. Todavia, se a primeira licença foi requerida

sobre dois caldeiros domiciliados neste município em 1872. Além dos registos de passaportes e destes últimos documentos, não encontramos, até ao momento, qualquer lista de imigrantes nesta área, que seja do nosso conhecimento, pois o inventário continua à espera dos arquivistas. Outros estrangeiros residentes em Viana do Castelo podem ser consultados em *«Mappa numerico e nominal dos subditos britanicos»*, citado em RODRIGUES, 1995: 14.

²⁶ Incluem-se, nestes números, 77 ausências do sexo feminino, das quais dez mulheres sabiam escrever e vinte e oito não fizeram menção a tais competências. Por ser um valor insignificante, pouco superior a três em cada cem, não darem tratamento diferenciado relativamente a ambos os sexos. Considerando estes quantitativos e a existência de uma elevada taxa de analfabetismo do género feminino que, em 1860, na Galiza, era elevadíssima, pois só 3,86% das mulheres eram capazes de *«leer y escribir»*, podemos asseverar que as emigrantes aqui tratadas estão bem representadas ao nível da comunicação escrita. Ver, sobre esta problemática para a Galiza, GABRIEL, 1992:165-186. A mulher, para aprender a decifrar o catecismo tinha um ensino centrado na doutrina cristã, além haver mestras para proporcionavam o acesso aos saberes típicos, como os labores domésticos, à semelhança do que acontecia no Alto-Minho. Ver sobre o feminino, LESTÓN, 1996.

²⁷ O termo «galego» chegou ao Brasil através dos emigrantes do Minho e era usado para caracterizar os portugueses que trabalhavam incessantemente e faziam tudo para acumular riqueza, podendo mesmo «vender produtos de pior qualidade ou vivendo como escravos para fazer fortuna». SILVA, 2007: 201-202.

²⁸ A existência de impetrantes com mais de uma viagem não deve ser interpretada como um fenómeno de retorno definitivo. Outros emigrantes, tendo optado por acabar os dias na terra de nascimento, deram oportunidade aos filhos para continuarem o projecto de vida no estrangeiro, passando o testemunho aos herdeiros, como se depreende através de passaportes de regresso, ou mesmo do teor da correspondência. O retorno de jubilação não é fácil de estudar com recurso a estas fontes, mas pode ser objecto de análise a partir da arquitectura dos brasileiros e da intervenção filantrópica destes emigrantes jubilados na Galiza e noutras terras portuguesas. VELEIRO, 1998. Sobre retorno de galegos, remetemos para SILVAR, 1997; GONZÁLEZ, 1998: 29-52.

²⁹ Os perfis sócio-cultural, profissional e etário, que traçaremos a seguir, não nos autorizam a classificá-los com uma massa amorfa e desqualificada, mesmo quando se trata de “*serbientes*”. Estes eram, certamente, homens preparados para terem êxito, cujos projectos de saída são idênticos aos de muitos portugueses de sucesso. Fizeram mais de uma viagem, regressando e partindo de novo ou levando a família para fixação de residência prolongada em terras americanas.

³⁰ Eis alguns casos: João Ferreira reside em Viana *há mais de dez anos*, criado de servir, com documentos datados de 13 de Novembro de 1868, livro 12, folha 10, passaporte nº 89; António Bento Gomes, reside em Cornes, Vila Nova de Cerveira *«...há mais de quinze anos com casa sua e bens de raiz»*, livro nº 99, passaporte no 5, folha 50v; Brito Banha *reside em Portugal há mais de 20 anos*, exercendo funções de criado em “Barcelos há 18 anos”, passaporte nº 720, livro 2, folha 279. Para não elencar todas as áreas, vejamos alguns sítios onde viviam galegos: rua Costa Cabral, rua do Pinheiro, Cima Vila, Miragaia, Porta Nova, quelha D. Maria, rua dos Mártires da liberdade, Paranhos, quelha Entre-Paredes, Cordoaria, Vale das Pêras, Cedofeita, Travessa de São Sebastião, quelha da Liberdade, rua das Taipas, rua da Piedade, entre outras. Esta geografia de fixação evidencia a presença de imigrantes em várias artérias citadinas.

³¹ Uma grande parte da população galega dedicava-se a actividades complementares como a pesca, apanha de marisco e a criação de gado, optando por um modelo de mobilidade de curto prazo para Portugal e Castela, além das actividades têxteis de carácter rural e doméstico, tecendo e produzindo tecidos de linho. A crise agrária da economia galega, que se expande à produção têxtil rural, promove condições para o aparecimento de um êxodo de características específicas e um novo modelo de emigração, com consequências visíveis para a Galiza, especialmente a partir da década de oitenta, quando embarcavam em qualquer porto da região. Cf. GONZÁLEZ, 1995: 81-84. A importância do galego no Alto-Minho foi assinalável desde quinhentos, aparecendo com moradas em várias ruas da urbe, dedicando-se à pesca da sardinha, do arenque e ao comércio. Mas, também as mulheres *«do reyno da Galiza corriã aqui»*, vivendo da *«má vida»*. MOREIRA, 89-90.

³² A América, desde a década de setenta, vai actuar de forma a absorver rapidamente os fluxos que se fixavam Portugal, alterando os percursos e as rotas dos galegos no século XIX, espacialmente da comarca “*aviense*”, como afirma RODRÍGUEZ, 1992: 164.

³³ No que respeita a movimentos sazonais e aos de varões casados, desde o século XVIII, a zona meridional de Pontevedra apresenta números correspondentes a metade dos contingentes, como sublinha CASTELAO, 1993: 33.

³⁴ Embora não se trate de saídas clandestinas, certamente não estão registadas nas estatísticas espanholas, por isso devem completar os números oficiais, para os quais chama a atenção GALDO, 85-92.

³⁵ A reconstituição destes caudais ganha relevo, ao permitir-nos a imagem dos quantitativos que não se encontram em estatísticas para a Galiza, donde se intui a existência de uma emigração missiva antes da década de oitenta, a avaliar pelos fluxos dos anos setenta, especialmente de Pontevedrenses. Se o nível de instrução pode ter sido influenciado pelo fenómeno migratório, como refere M^o Xosé Galdo, especialmente no sexo

em 1838, encontrámos mais passaportes nos anos cinquenta (³⁶), numa fase de crise agrícola que atingiu a produção de vinho verde (³⁷). Ao analisarmos estas saídas, até 1860, as emissões não passam da meia centena (³⁸), mas os indicadores de instrução rondam os sessenta e três pontos percentuais neste segmento cronológico (³⁹). Nos dez anos imediatos, as viagens transatlânticas crescem vertiginosamente e, ao mesmo tempo, estes imigrantes exibem competências da prática do escrito e bom domínio da firma (⁴⁰). O quadro mantém o mesmo perfil ao longo da centúria, com a excepção do cenário dos anos oitenta, quando os analfabetos marcam maior presença (⁴¹).

Se estes movimentos, na distribuição anual, pouco relevo patenteiam, devido à concentração a meados da década de setenta (⁴²), cujas saídas correspondem a mais de noventa por cento destes caudais, devemos assinalar perto de meio milhar de instruídos do mais elevado nível, com assinaturas caligráficas e personalizadas (⁴³), pessoas escolarizadas capazes de ler, escrever muito bem e contar, como no quadro 1 se observa.

A análise aos momentos de maior procura de autorização de embarque permite-nos inferir que este fluxo exhibe um paralelismo com o movimento de naturais do Noroeste de Portugal. Tais semelhanças encontram-se ao nível dos volumes e da presença de letrados do mais elevado patamar de instrução.

Um primeiro sinal de abandono da Península, visível através de licenças requeridas em Viana do Castelo (⁴⁴), inicia-se na década de setenta. Entre estes movimentos, destacam-se os alfabetizados do sexo masculino. No ano seguinte (1872), o caudal aproxima-se das sete dezenas todavia, ao mesmo tempo, o rácio de instrução mostrava índices mais reduzidos. Mas, em 1873, foram requeridos 437 embarques de galegos para terras de América. Neste ano, quem fez prova das competências para a leitura e escrita de escrita passa dos setenta e um pontos percentuais. Nos dois anos imediatos contabilizámos 1519 requerentes, o correspondente a 62,2% dos caudais em estudo. Entre eles 62,3% firmaram o nome. Assim, podemos inferir que estas avalanches não correspondem a imigrantes desprovidos de cultura escrita, eram pessoas detentoras de saberes letrados, fazendo prova de tais competências através da firma nos passaportes. Acresce, ao relacionarmos a escrita caligráfica com os contextos sócio-profissionais, que mais de dezasseis em cada cem assinaram o próprio nome com letra aprimorada, de nível 1, indicador de quem tinha boas aptidões escolares, demonstrando-as através da caligrafia. Em síntese, entre 1873 e 1876, os galegos imigrantes ou

feminino e para o caso da Galiza, nós mesmos encontrámos a rima perfeita entre emigração e instrução, relativamente ao Noroeste de Portugal, desde o século XVIII, como as várias fontes o documentam, relativamente a varões. Cf. RODRIGUES, 1995; GALDO, 1998: pp. 32-33. Sobre a criação de infra-estruturas educativas na Galiza, no que toca à rede de ensino paralela, através das «*escuelas de ferrado que (...) los compesinos crearon por su cuenta y a su medida*» veja-se GABRIEL, 1985: 326-327.

³⁶ Os espanhóis saídos pela barra do Porto só atingiram as centenas em 1856 e foi na década de 1850 que mais intenso se revelou este cruzar do Oceano, ALVES, FERREIRA e MONTEIRO, 220-225.

³⁷ É nos anos de mais dificuldades económicas - de onde emergem problemas conjunturais, como más colheitas, difusão de enfermidades, como a cólera, invasão de pragas nos vinhedos, com crises agrárias - que a emigração mais de agiganta, promovendo a fuga de famílias, GALDO, 32-34. Para o Alto-Minho, relativamente a estes movimentos da década de cinquenta, RODRIGUES, 2007: 189-214.

³⁸ Podemos sublinhar que a ida para a América, até meados da centúria, através de Viana do Castelo, mais do que insignificante, é muito rara.

³⁹ A mobilidade assume o carácter de desenvolvimento cultural, na medida em que os seus actores necessitam de preparação pelas letras, como já demos nota, relativamente ao caso do Alto-Minho. O mesmo cenário para galegos foi dado em referência por GABRIEL, 1985: 321-336. Chegados à terra de acolhimento, sentidas as necessidades de alfabetização para proporcionar um melhor desempenho profissional e contactos escritos com a família, os emigrantes sentem a necessidade de escrever e reconhecem a importância da instrução, cujas competências, conhecimentos, habilidades e destrezas eram úteis ao desempenho de actividades relacionadas com as lides comerciais, mas também para comunicar com a família. SAAVEDRA, 1995: 29-30.

⁴⁰ Na Galiza rural do século XIX, coexistiam dois modelos de escolas: as de “*ferrado*” e as públicas. As primeiras, sob a responsabilidade dos párocos, que recebiam em géneros agrícolas, funcionavam nos meses de Inverno, quando as crianças estavam livres dos trabalhos agrícolas, ministravam os saberes em locais precários, como sacristias, cozinhas, palheiros, estábulos e outros locais improvisados, porém eram espaços de prática e aprendizagem do escrito, mesmo que a alfabetização fosse incompleta, como refere GABRIEL, 1992: 165-168.

⁴¹ Esta constatação tem paralelismo com a dinâmica das escolas de “*ferrado*” que «*tienden a disminuir durante la segunda mitad del siglo XIX*», ao serem hostilizadas por determinados sectores, especialmente pelos inspectores escolares. A povoação rural galega continuava a beneficiar destes serviços educativos, de base paroquial, gratuito, (pago em bens, geralmente cereais) que proporcionavam a aprendizagem dos procedimentos religiosos, como rezar, catequese, leitura, escrita e mesmo fazer contas, sublinha GABRIEL, 166.

⁴² As dúvidas foram levantadas, relativamente ao Regulamento Geral da Polícia, de 7 de Abril de 1863, sobre a emissão de passaportes a indivíduos de outros distritos, tendo alguns Governadores Civis deixado de passar licença a quem não era natural da respectiva área intervenção. Mas o Código Administrativo não obrigava a emissão de passaportes apenas aos residentes de um determinado distrito. Viana do Castelo recebeu uma portaria em 17 de Agosto de 1869 esclarecendo tais dúvidas. Assim parece compreender-se a motivação de galegos que se dirigiram a Viana neste período, já que só em 13 de Janeiro de 1874 se mandou «*declarar aos Governadores Civis dos Districtos do Continente do reino e das Ilhas Adjacentes, que são competentes para conceder passaportes aos indivíduos que os impetrem, quer estejam ou não domiciliados nos respectivos districtos...*» *Colleção Official da Lagislação Portuguesa, anno de 1874, 1875: 3.*

⁴³ A nossa metodologia de escalonar as firmas de acordo com uma análise à estrutura caligráfica foi devidamente testada e divulgada nas dissertações de mestrado e doutoramento, pelo que remetemos para esses mesmos estudos. Devemos sublinhar que a divisão em três patamares pretende ser o mais objectiva possível; assim, uma letra caligráfica, sem erros ortográficos, demonstra a aquisição de competências em ambientes académicos. A este elemento juntamos a profissão, quase sempre estudantes, caixeiros e outras funções ligadas ao comércio. O tipo ou nível 2 foi atribuído à maioria das firmas, por evidenciarem pouca consistência no domínio da pena; o tipo 3 corresponde a alguém que firmou os documentos com dificuldades patenteadas na forma como ortografou. Além desta hierarquia, ainda podemos criar variáveis com analfabetos a coabitar com gente letrada; os emigrantes sem referências à capacidade de assinar; os casos desconhecidos e com familiares instruídos. Daqui resulta uma abordagem onde a cultura do escrito pode proporcionar novas relações com a correspondência entre quem partiu e quem ficou na paróquia.

⁴⁴ A fuga de jovens também está correlacionada com o serviço militar, para não serem «*habidos a la hora de la quinta*», como o demonstra ASENJO, 1985: 307.

residentes no Noroeste de Portugal decidem-se por atravessar o Atlântico, indo à procura de novas oportunidades, tal como o fizeram muitos portugueses da margem Sul do rio Minho, mesmo que as condições de trabalho na América não fossem as mais nobres ⁽⁴⁵⁾.

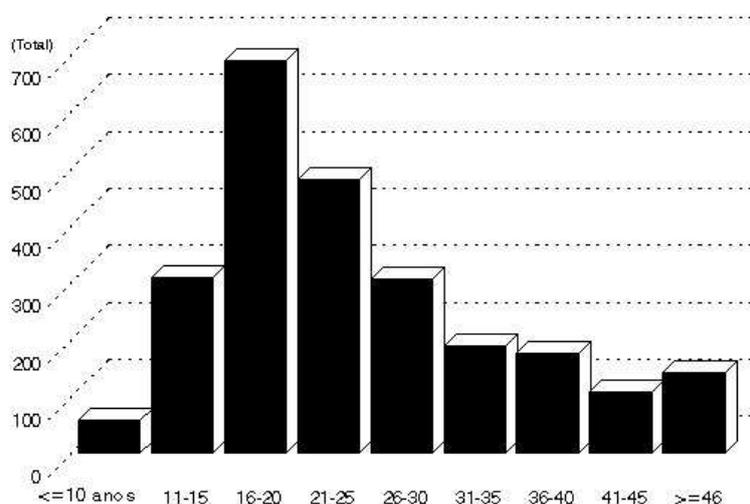
Grupos etários

Depois de termos visto a composição por estado civil e porque o género feminino exhibe uma marca insignificante nestes quadros ⁽⁴⁶⁾, tendo sido registados apenas setenta e sete casos deste sexo, faremos uma análise por conjuntos de idades e anos de aquisição da licença.

Os grupos dominantes são compostos pelos celibatários, como já apontámos. A presença de crianças ⁽⁴⁷⁾ até aos dez anos tem uma relação com a emigração familiar. A pouca participação feminina também determina a quase inexistência de crianças residentes em Portugal, que atravessaram o Atlântico ⁽⁴⁸⁾, figurando com pouco mais de meia centena de menores de dez anos ou sem registo de idade. Também os adolescentes, dos onze aos quinze, só apresentam 12,5% ⁽⁴⁹⁾.

[Figura 1]

Grupos etários de imigrantes galegos documentados com passaporte em viana do castelo entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Na verdade, os jovens dos quinze aos vinte e cinco surgem com 1185 movimentos, quantitativo correspondente a 48,5% desta segunda fase da mobilidade. Acresce o facto de estarmos perante uma tendência desenhada a partir das migrações da década de setenta, período em que os idosos, com mais de quarenta, rubricam cerca de dez elementos percentuais e os colegas, que estavam na casa dos trinta, apresentam menos de quinze pontos. Como escorço, podemos asseverar que os galegos, além de terem provocado uma sangria num curto espaço de tempo, formam um

⁴⁵ A mobilidade seja de pequena, média ou longa distância propicia elevadas taxas de exploração, cujo modelo de submissão atinge mais facilmente os trabalhos mais rudes, como o demonstram os contratos de galegos no século XIX. GALDO, [1984?]: 116-117.

⁴⁶ Há paralelismo entre o número de crianças e o total do sexo feminino, donde podemos inferir que tal relação corresponde à fuga de famílias que se reagrupam em terras de América.

⁴⁷ Esta constatação tem algum correspondência com o que sucede relativamente aos vascos saídos entre 1876-1881, onde os varões não marcam presença antes dos doze anos, como nos mostra PINEDO, 1995: 114.

⁴⁸ A saída de crianças de tenra idade é o melhor indicador de fugas de famílias que se reúnem noutras paragens e com elas aparecem os mais idosos, especialmente a mulher/mãe que vai com o respectivo cônjuge, ou segue para junto dele. Este fenómeno é mais visível nos momentos de crises económicas e financeiras, como descobrimos relativamente aos naturais do Alto-Minho e através da correspondência por nós estudada. Como exemplo, ver, em anexo, a carta de José Rodrigues à esposa, Pilar Rodrigues, natural de Lugo, que reside em Viana, para que regresses à Argentina, documento relativo ao processo do *passaporte n.º 16*, emitido em 9 de Janeiro 1897, onde é visível um conjunto de resistências femininas para se juntar ao marido, pois «*Tu dices que aqui no convien á nadie y que por eu tenere determinarte a venir, pues bien querida esposa yo esto en iguales condiciones, como era y como yo say quien tengo que uniuo (?) por vos e justo pues te vengas aqui yo eu esto já tengo bastante conocimiento aqui hay trabago para todos en cualquier parte y tu sin necesidad de salir de tu casa no te faltara en que ocuparte, si quieres, porque como te digo trabago es lo que salva. Aqui la vida es mas barata y se puede vivir desavagado* (sic).

⁴⁹ Ao compararmos estes cenários com o que é formado pelos colegas portugueses documentados em Viana do Castelo, as lógicas não se desenham da mesma forma, pois as crianças desta área (Viana) eram mandadas mais cedo para o Brasil, especialmente antes dos catorze anos, o que se deve ao facto de terem de pagar uma fiança para cumprimento do serviço militar, se tivessem mais de catorze anos de idade. Esta lei não se aplicava aos estrangeiros embarcados através de Portugal para outros continentes. Assim, pode ter algum sentido a existência um trajecto com os clandestinos entrados no Reino, onde fixaram residência, tendo-se ausentado de novo sem terem de depositar fiança de 6000 reais, pois ficava mais em conta servir-se desta estratégia, como forma de obter fortuna ou livrar-se das “quintas”. GONZÁLEZ, 1992: 74.

movimento centrado em mancebos, jovens com menos de vinte e cinco (⁵⁰), cujos totais correspondem a 62,7% destes surtos, embora os casados e, por isso, os mais idosos surjam com presenças inferiores às dos que tinham mais de trinta anos, como prova de que nestes grupos etários se encontram muitos homens sem responsabilidades conjugais. Era a mobilidade dos solteiros que tinham vindo a Portugal atraídos pelas facilidades de embarque sem escolhos militares, fugindo às “quintas”.

Pela figura 1, observa-se esta distribuição, onde está bem patenteado o fosso entre os mais jovens; depois dos vinte a tendência é regressiva e acentuada até aos trinta, idade que marca o princípio do equilíbrio nos restantes grupos etários.

Distribuição por anos de idade

Este contingente, cujo perfil por grupos etários acabámos de perfilar, quando observado através da idade no momento da aquisição licença, permite-nos conhecer alguns aspectos do fluxo, quer em relação aos celibatários, quer no concernente aos consorciados e ainda face à alfabetização. Se os números não justifiquem qualquer nota entre os menores de dez anos e se dos onze aos quinze pouco mais de três centenas havia, os rapazes dos dezasseis aos dezoito anos ostentam os maiores quantitativos, embora tenham indicadores de instrução abaixo da média relativa a este estado civil. No concernente a sinais de literacia, as crianças de onze e doze anos revelam os melhores índices, pois eram maioritariamente rapazes escolarizados, meninos portadores de competências para o sucesso na terra de fixação, a quem os pais proporcionaram a ida à escola, como forma de melhorarem a posição social (⁵¹).

Os adolescentes, com 684 casos, reúnem-se à volta dos rapazes com dezassete anos, responsáveis pela moda destes fluxos. Para eles, temos uma imagem denunciadora de níveis de cultura letrada abaixo da média, como é observável na figura 2, embora os de dezassete apresentem 64,5% com capacidade para a escrita do próprio nome. Todavia, entre os jovens de dezasseis há 38,8% de analfabetos declarados (⁵²). Os mancebos (⁵³), na fase etária em que são chamados para o cumprimento de deveres militares (⁵⁴), especialmente a partir dos dezanove e até aos vinte e três, saem com menos frequência, provocando um fosso na imagem referida anteriormente, onde os de vinte anos são representados apenas por sessenta e cinco elementos. A pirâmide etária dos celibatários afunila bruscamente a partir de vinte e sete, quer porque nestas idades entram em cena outros colegas com estado civil diferente ou porque os solteiros tinham decidido o embarque enquanto jovens. Ao contrário do que já se constatou para outras variáveis, os indicadores de alfabetização sobem à medida que a idade dos solteiros aumenta, especialmente a partir dos trinta anos, onde se destacam os de vinte e nove e os de trinta e dois sem responsabilidades conjugais.

⁵⁰ Vemos, neste movimento, o sentimento generalizado de libertação das peias que o serviço militar impunha, donde a «cantidad de jóvenes que se encaminaban preferentemente a Portugal con el deseo de librarse de quintas», originando a proibição da saída de varões com menos de vinte e cinco anos sem a autorização dos pais.

⁵¹ Se as taxas de matrícula nas escolas galegas não eram elevadas, os progenitores proporcionavam o acesso à instrução, através de escolas que funcionavam no Inverno, pagas pelos próprios pais, porque tinham consciência plena dos efeitos da escolarização. Há mesmo casos de emigrantes que, após o regresso, optaram pelo exercício do magistério e outros criaram escolas, como nos transmite GABRIEL, Narciso de- *Emigracion y Alfabetizacion en Galicia*, in «Historia de la Educación, Revista Interuniversitaria», nº 4, enero-diciembre. Salamanca: 1985, P. 327-330. Ver, ainda, DIAZ, Angel Mato e BAÑUELOS, Aida Terrón- *Escuelas de Emigrantes: Una Modalidad de educación Colonial*, Comunicação policopiada apresentada ao XV International Standing Conference for the History of Education. Lisboa: Faculdade de Psicologia/C. Educação da Universidade Nova, 1993. Sobre outro exemplo paradigmático da “galaicidade”, através da criação de fundações filantrópicas que os galegos de sucesso sustentaram, quer construindo e mantendo escolas, veja-se o que diz PAREDES, Carlos Sixirei- *Galegidade e Cultura no Exterior*. s.l.; Xunta de Galicia, [1995].

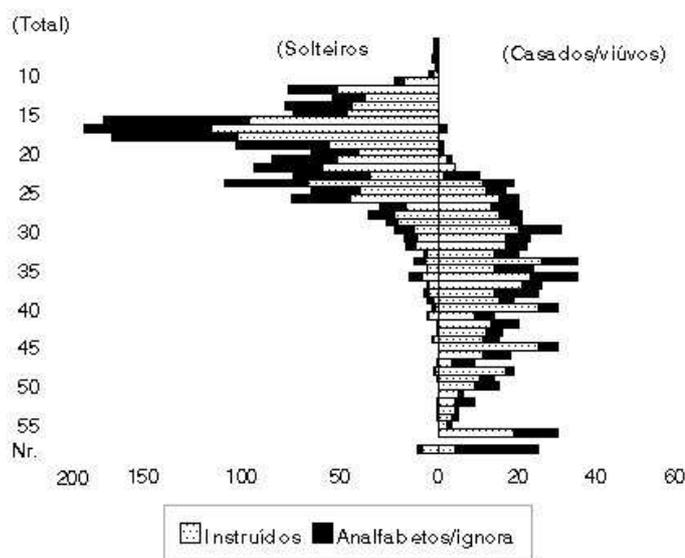
⁵² Os inadaptados para o uso do escrito, que se encontravam em Cuba, em 1900, só rubricam 23%, o que é, em termos comparativos, um bom indicador. Cf. GARCÍA, Fe Iglesias- *Características de la Inmigración Española en Cuba*, o.c., pp. 279.

⁵³ Os mancebos preferiam ausentar-se para Portugal, como se observa relativamente ao município de Vimianzo, entre 1836-1856, enquanto naturais os de Muxía optavam por Madrid. Cf. GALDO, María Xosé Rodríguez- *O fluxo Migratório dos séculos XVIII-XX*, o.c., pp. 74-76.

⁵⁴ Desde o Antigo Regime que a Galiza «sofria un método especialmente inxusto de recluta que non só afectaba aos galegos no referente aos cupos que lles atribuíra en base á poboación senón que nos sorteos doutros territorios, especialmente Castela, procuraban que recaeran sobre os segadores galegos», donde esta fuga de mancebos instruídos, que saíram através de Portugal. Ver PAREDES, Carlos Sixirei- *Galegidade e Cultura o.c.*

[Figura 2]

Distribuição de galegos por anos de idade, alfabetização estado civil, saídos com passaporte entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Resumindo, podemos inferir que os inuptos saíram com mais intensidade dos doze aos vinte e seis; se raramente se encontram crianças nestes fluxos, também os solteiros se diluem gradualmente a partir dos trinta anos, embora haja registos de ínbuos até à idade dos cinquenta. A decisão de obter passaporte em Viana é tomada entre os dezasseis e os dezanove ou após os vinte e quatro anos. Estamos perante galegos saídos na flor da idade, jovens detentores de capacidades físicas⁽⁵⁵⁾, a que se associam competências de cultura letrada; estamos, em certa medida, perante um escol embarcado para a América latina.

Os homens casados apresentam uma moda repartida pelos trinta e quatro/trinta e seis anos, sendo assinalada a diferença ao nível da instrução que é mais favorável aos primeiros. Ao examinarmos em pormenor o movimento destes varões, depositários de responsabilidades conjugais, percebe-se que o surto é mais irregular do que o dos outros colegas de viagem. A presença deste estado civil está marcada a partir dos dezassete anos, mas é pelos vinte e quatro que os casados decidem fugir às dificuldades sentidas em Portugal, seguindo o exemplo de muitos emigrantes de Viana do Castelo.

O conhecimento das letras é uma nota a registar para os galegos com vinte e nove anos e para os de quarenta e cinco, com índices bem expressivos em relação ao próprio conjunto e com uma cota elevada nas gerações dos vinte e seis aos quarenta e cinco anos, sempre acima dos setenta e um pontos. Os maiores volumes de consortes e viúvos instruídos encontram-se entre os indivíduos de trinta e quatro anos, a que se juntam os de quarenta/quarenta e cinco, cabendo a estes dois conjuntos 83,3% de galegos da elite letrada, face aos que tinham contraído matrimónio.

Em conclusão, relativamente aos consorciados, observa-se o predomínio de varões jovens. O movimento origina um caudal a fluir com regularidade a partir dos vinte e sete anos de idade, que se mantém visível entre os mais idosos, na casa dos cinquenta, havendo mesmo alguns anciãos nesta aventura. Ao compararmos as curvas descritas por cada estado civil, nota-se uma transição harmoniosa, que ocorre pelos vinte e sete anos pois, à medida que a idade sobe, os solteiros vão rareando e os restantes sustentam o caudal, ao mesmo tempo que os aspectos qualitativos emergem com mais visibilidade, com a presença dos homens instruídos a obterem a licença de viagem para as Américas.

Tendo afirmado que tais imigrantes são dominados por adolescentes e jovens, rapazes dos dezasseis aos vinte e cinco, predominantemente celibatários, é importante analisar as gerações intervenientes nestes êxodos, usando a distribuição por ano de nascimento. A cartografia deste fenómeno permite-nos asseverar que estamos perante gerações nascidas entre 1840 e o primeiro lustro dos anos sessenta. Os solteiros, indivíduos procriados depois de meados da centúria, são maioritariamente do segundo quinquénio dos anos cinquenta. Os restantes imigrantes, quase

⁵⁵ Nos passaportes ficaram registados os “sinais”, onde a estatura e a existência de lesões e outras incapacidades eram anotadas. Quase sempre, estes emigrantes correspondem a indivíduos de uma robustez denotadora de boa saúde física e mental. Sobre esta questão, ver RODRIGUES, 1998.

todos casados ou viúvos, foram concebidos entre 1836 e 1845, donde resulta uma diferença de vinte anos entre os respectivos conjuntos.

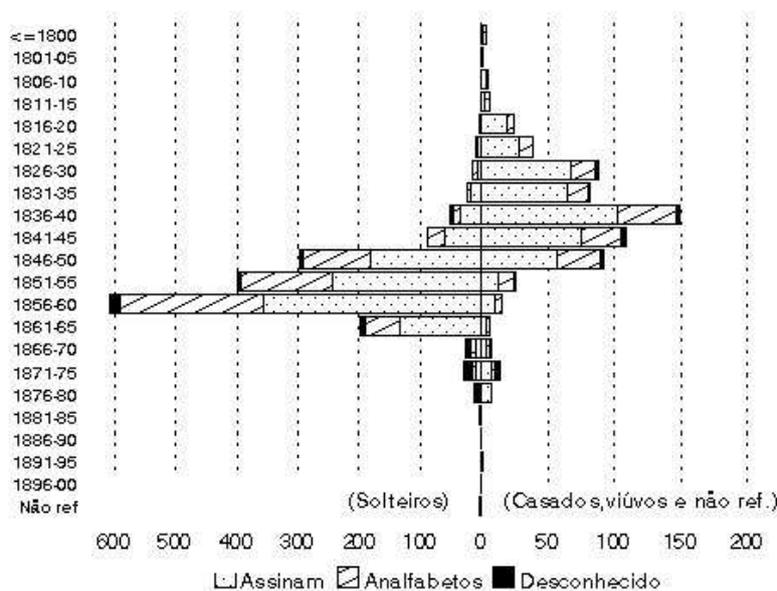
Ao compararmos tais fluxos, inferimos que os detentores de responsabilidades conjugais de épocas anteriores a 1840 não só dominam os movimentos como ainda exibem indicadores de literacia acima dos setenta e dois pontos percentuais. Significa que os adultos e consorciados tinham fruído de ensinamentos do abecedário. A presença de «*escolantes*» ajuda a explicar a existência de níveis de alfabetização elevados entre os emigrantes, especialmente para as gerações nascidas até à década de sessenta. Depois de meados da centúria estas «*escolas privadas de temprana*» diminuem devido à acção e hostilidade de que eram alvo (56), interferindo nos índices de literacia. Um cenário idêntico ocorreu com as escolas particulares na margem esquerda do rio Minho, em Portugal (RODRIGUES, 2012: 167-189).

Os Galegos imigrados no Norte de Portugal com o estatuto de casados ou viúvos, baptizados depois de meados da centúria, apresentam-se com referências de cultura letrada mais ténues. Mas ao mesmo tempo, os celibatários nascidos no mesmo período dominam as ausências e detêm melhores percentagens de alfabetização. Se os solteiros e os casados pertencentes às mesmas gerações apresentam um estatuto cultural diferente, a liderança relativa ao domínio das letras continua a ser assumida por estes últimos, os homens casados.

Os jovens nascidos na década de cinquenta, especialmente a partir de 1855, são o motor destas avalanches rumo à América Latina, quer se trata de galegos instruídos quer sejam analfabetos. Contudo, quanto maior é o fluxo de celibatários, menores são os indicadores de cultura letrada, pois os níveis de assinaturas caem percentualmente entre os rapazes nascidos no segundo lustro dos anos cinquenta. Se a partir de meados de oitocentos entram na dinâmica cultural as “escolas de ferrado”, estes jovens não beneficiaram de tais apoios à alfabetização, o que pode explicar a presença deles em Portugal ou mesmo a tendência dos «*mozos que escapan de las quintas*», tendo fugido sem os requisitos de literacia (57). Os detentores de laços maritais exibem uma lógica idêntica e os procriados no segundo quinquénio de 1830 lideram as saídas destes estados civis. Os índices literacia ficam nos 68,%, mas tais indicadores crescem à medida que o movimento se vai entibiando, chegando mesmo a corresponder a 80,2% de indivíduos instruídos para os baptizados entre 1831-35 e que, neste entretanto, à data da obtenção da licença já tinham contraído núpcias

[Figura 3]

Gerações de emigrantes galegos por ano de nascimento, estado civil e alfabetização saídos entre 1838-1900



Fonte: *Elaboração própria. Ver quadros em anexo*

Relativamente ao volume de ausências de cada estado civil, pouco mais de sessenta em cada cem solteiros sabiam firmar mas os restantes, com família constituída, apresentam 68,6% de assinaturas, quadro pouco vulgar, quando os jovens se preparavam nas letras antes do embarque. A nota final vai para o facto de estarmos perante galegos instruídos que tinham vindo para Portugal, país de acolhimento, onde obtiveram licença de viagem rumo a outras

⁵⁶ Convém registar que a escola não foi o único meio alfabetizador já que, nas classes sociais abastadas, a presença de elementos da Igreja, os perceptores e outros agentes ministravam o ensino, muitas vezes de carácter personalizado.

⁵⁷ A provar esta constatação, temos Lugo com fraca participação nas evasões, sendo ao mesmo tempo um «*território de esta provincia como el más prolifero en escolas de ferrado*». GABRIEL, 1990: 165.

paragens. Entre eles, os analfabetos declarados ficam abaixo de trinta e quatro em cada cem ausências, quadro sócio-cultural destacável à data da travessia do Atlântico.

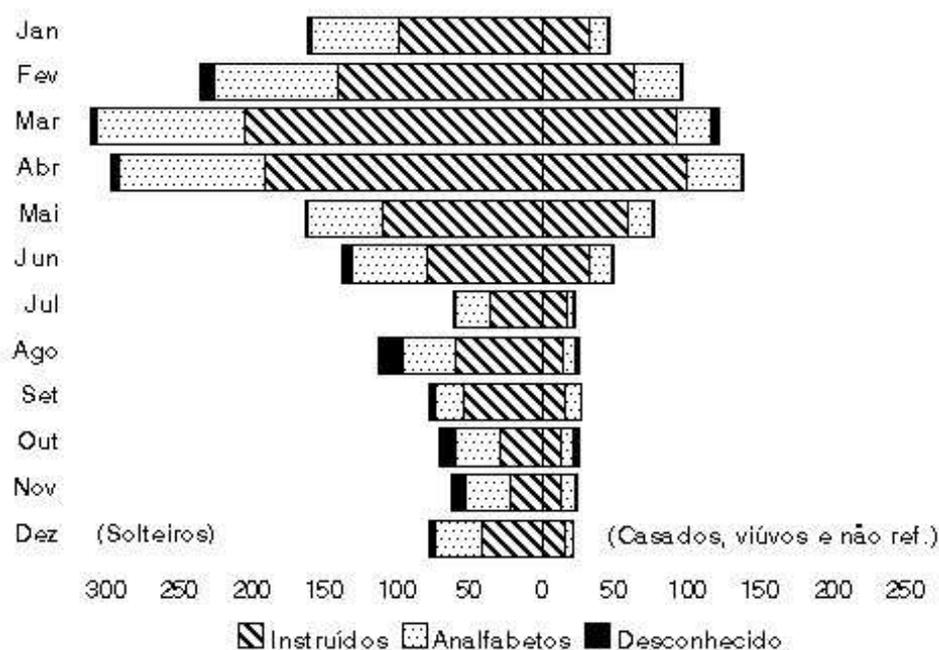
Movimento sazonal

A análise orientada de acordo com as saídas por mês de aquisição da licença, estado civil e pelas capacidades para o acto da escrita permite-nos perceber se existe uma lógica de abandono destas áreas diferente de outras terras, pois a decisão de “fuga” apresenta-se muito marcada pela época da Páscoa (⁵⁸). A tendência de saída ocorria na primeira metade do ano, com destaque para os movimentos de Janeiro a Maio. Mas, quando deixa de haver ciclos que se identificam com os momentos de maior ou menor actividade agrícola, como as sementeiras e as colheitas, os ritmos são inconstantes. Assim, as partidas afectam outros trabalhadores sem ligação directa aos ritmos do mundo rural, cujo salto é impulsionado pelas dificuldades económicas e fuga à miséria (Yáñez, 1999: 57).

Não se detectam grandes diferenças nos ritmos por estado civil. Os solteiros dão início à debandada em Janeiro e engrossam os pedidos de emissões de passaportes até Março, verificando-se em Abril uma ligeira quebra de licenças obtidas em Viana do Castelo. A partir da Páscoa e até Julho, as motivações retraem-se, originando, neste segundo mês de Verão, o menor número de requerimentos para deixar Portugal. Ao contrário do que se apurou relativamente outros grupos, os períodos após as colheitas também não parecem ser estimulantes para estes imigrantes, se considerarmos os frouxos caudais de Setembro até ao fim do ano; os movimentos de solteiros são muito suaves, além de serem dominados por rapazes analfabetos, lógica oposta a outros cenários já descritos (⁵⁹).

[Figura 4]

Movimento sazonal de galegos por estado civil e alfabetização com passaporte emitido em viana do castelo entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Os adultos casados e viúvos optavam pelo período entre o Carnaval e a Páscoa, cujo pico ocorre em Abril, quando os jovens antecipam a aquisição do passaporte. A lógica, depois de Maio, anuncia um panorama idêntico ao retratado para os solteiros, com Julho a limitar os fluxos. Desde o Verão até ao Natal, os consorciados decidem permanecer como imigrantes em Portugal, optando por embarcar na Primavera.

⁵⁸ As saídas sazonais apresentam ritmos diferenciáveis relativamente à emigração canária no século XIX. Entre 1882-1895 o movimento realça-se em Maio, enquanto entre 1911-20 destaca-se Julho neste cenário e, mais tarde, em 1920 Dezembro ganha relevo no contexto canário, como refere HERNÁNDEZ, 1995: 194. O movimento estacional ostenta alterações bem visíveis, relativamente a lustros, opondo-se às curvas traçadas pelos que regressam. Para 1890-95, temos um pico em Março, seguido por outro em Maio e só mais tarde, em Outubro, se nota outro, relativamente a espanhóis embarcados para o Brasil, donde resulta uma estacionalidade atípica, sublinha YÁÑEZ, 1999: 56.

⁵⁹ Sem termos optado por trabalhar com cálculos de índices de sazonalidade, vemos que o estio europeu reflecte variações que nem sempre se aproximam dos ciclos agrícolas, o que se deve à constituição profissional dos próprios fluxos, como também acontece nos períodos festivos. Para uma visão sobre o fenómeno estacional, veja-se GALLARDO, 1994: 208-229.

Os indicadores de alfabetização relativos a Março e Maio, meses de maiores movimentos, são expressivos, mas as saídas de Abril têm a marca do analfabetismo, comparativamente aos meses atrás referidos.

Em conclusão, este fluxo de galegos exhibe uma tendência de abandono de Portugal no primeiro semestre do ano, com dois momentos mais dinâmicos: Abril e Março, meses em que a debandada ultrapassa os trinta e cinco por cento do contingente em estudo. Ao mesmo tempo, os índices sobem até aos cinquenta e nove pontos percentuais, quando falamos das evasões entre Fevereiro e Maio. Se a mobilidade é mais ténue em Julho, Novembro e Outubro, o período da Natividade afecta intensamente o abandono das terras portuguesas, o que não acontece com os emigrantes nativos, para quem ao Natal corresponde à fase de maior retenção no lar.

Áreas de naturalidade

Os galegos radicados/residentes no Noroeste de Portugal, que optaram por novo rumo migratório, permitem uma abordagem à naturalidade⁽⁶⁰⁾, embora alguns apareçam identificados como espanhóis. Tal classificação não interfere na análise dos caudais oriundos da Galiza. O destaque dos movimentos vai para a província de Pontevedra e de la Coruña, áreas de onde saíram os maiores contingentes⁽⁶¹⁾ de licenciados para a travessia do Atlântico.

As dificuldades sentidas na identificação da naturalidade decorrem da existência de registos vertidos do castelhano para português, nem sempre devidamente traduzidos, ou porque as referências à localidade eram vagas, apontando umas vezes o nome da paróquia de baptismo e outras o “ayuntamiento”⁽⁶²⁾. Ao organizarmos a distribuição por grandes áreas geográficas da Galiza, juntámos aos de Lugo os indivíduos sem nota de paróquia de proveniência e alguns “espanhóis”, devido aos reduzidos valores em análise; Mantivemos as variáveis por estado civil e indicadores de comunicação escrita.

As várias províncias não exibem uma distribuição uniforme, cabendo a Pontevedra mais de setenta e seis por cento do movimento⁽⁶³⁾. O contributo dado pelos naturais de la Coruña pouco passa das quatro centenas de casos e corresponde a 16,9% do caudal, contudo Orense detém menos de nove dezenas de requerimentos de passaporte. Os restantes números pertencem a Lugo, outras áreas da Galiza não especificadas e a emigrantes naturais de outras regiões de Espanha, como sublinhámos.

Estes galegos, quando observados de acordo com o estatuto sócio-cultural, apresentam-se com muitas diferenças de domínio das letras relativamente à origem geográfica dos solteiros. Os naturais da área de la Coruña detém um grau de alfabetização assinalável com 68,7% e os solteiros instruídos da região de Orense ficam-se pelos 47%, índice revelador de uma imagem de cultura letrada débil entre os celibatários.

A província de Pontevedra, relativamente aos consorciados instruídos, destaca-se com perto de setenta e dois por cento, enquanto os provenientes de la Coruña andam por um valor próximo dos sessenta e um. Tais números fazem prova da existência de diferenças regionais assinaláveis, entre estes imigrantes.

Devido ao impacto exercido pelos galegos da raia, especialmente os naturais de Pontevedra, procedemos a uma análise de pormenor das mesmas variáveis por comarca e outras áreas geográficas, podendo ser cotejados tais resultados com os de outros estudos. O movimento exhibe um modelo de distribuição irregular⁽⁶⁴⁾, com focos intensos em algumas localidades afastadas das zonas marinhas (Roel, 1992: 10), o que decorre da fuga de gentes da província de Pontevedra⁽⁶⁵⁾, com destaque para os vales dos rios Leréz (Roel, 1992: 11) e Verdugo. Se esta

⁶⁰ Se para o século XIX, especificamente para a Galiza e mesmo para Espanha, não há estatísticas capazes de darem a conhecer a origem geográfica, além do que está referido no *Anuário Estadístico de España*, 1860-1861, e não havendo dados até ao período de 1885-1889, como refere César Yáñez Gallardo, este nosso trabalho apresenta indicadores de uma nova visão sobre a proveniência geográfica dos imigrantes. Ficamos à espera de um momento para divulgação em pormenor da base de dados, pois reunimos um bom conjunto de informações sobre esta variável.

⁶¹ Orense foi identificada como a província com menor caudal de ausências desde 1877 até 1890, enquanto Pontevedra foi a mais afectada por estas fugas da região da Galiza, sublinha ROEL1992: 10-12.

⁶² Para uma visão demográfica mais recente, onde se esclarecem alguns destes problemas, com paróquias divididas por mais de um concelho, ou com o mesmo orago em vários municípios, remetemos para LABRADOR, [1995]. A importância deste trabalho reside na informação estatística sistematizada, organizada por províncias, concelhos e paróquias, cujo estudo está sintetizado em gráficos, onde se observa a evolução demográfica desde 1887 até 1991.

⁶³ Esta constatação tem paralelismo com os indicadores migratórios apresentados por ROEL, 1992: 10.

⁶⁴ Numa parte do Baixo Minho galego, em 1877, os concelhos de Salceda/Crescente e Salvaterra/Tomiño, apresentam-se como área de emigração débil, mas em Arbo, Setados Pontearas, Tuy e La Guardia a mobilidade é considerável, assim como no interior pontevedrense a evasão é mais forte do que no litoral, situação corroborada por ROEL, 1992: 10-11. Se este facto é provado através da análise aos censos, nem sempre corresponde ao movimento com ponto de partida em Viana do Castelo.

⁶⁵ Estudos elaborados com base nos censos de 1877 mostram que esta área foi a mais afectada ao longo do século XIX, como registou Eiras Roel. A metodologia usada por este historiador apresenta indicadores a partir de rácios por sexo e estado civil. Trata-se de um bom exercício demográfico, mas aqui não se distinguem os tipos de mobilidade, nem os locais de acolhimento e muito menos o perfil sócio-cultural, profissional e etário que as fontes nominativas proporcionam. Confirmamos a existência de tais fugas com passaporte obtido em Viana do Castelo, como acontece para Pontevedra, em Rosal e Oya que apresentam elevados índices de ausências, mas as restantes povoações não aparecem registadas em Portugal. Há outras, como: Tomiño, Nigrán, Caniza que detém números apreciados de saídas documentadas em Viana; o mesmo ocorre em relação a Tuy, La Guardia, Pontevedra, áreas que o Professor Eiras insere no quadro de emigração intensa ou importante. Também se confirma

provincia assume protagonismo nos quantitativos, o panorama é diferente para as saídas do interior, com volumes muito baixos e um tipo de mobilidade sazonal, como acontece em Lugo (⁶⁶), terra de onde poucos se decidem pela longa distância. Mas, Orense é, até 1890, a região impulsionadora do menor caudal (Roel, 1992: 11-12). Por sua vez, no Noroeste da Galiza, cruzam-se áreas de emigração tradicional activa com outras de escassa movimentação (Roel, 1992: 18) ou mesmo de total inércia, se excluirmos a deslocação inter-concelhia.

Até meados da centúria, a fuga para além do Atlântico era esporádica (⁶⁷), mas as fortes crises agrícolas da década de cinquenta (⁶⁸), associadas às pragas que os vinhedos sofreram, originam um novo modelo de ausências definitivas (Castelao e Rodríguez, 1992: 42 e com destino à América, seja o Brasil ou a Argentina).

Distribuição por municípios

As conclusões relativas às províncias galegas confirmam as posições de vários historiadores, não sendo generalizantes e muito menos apresentam um quadro de distribuição uniforme. Para traçarmos elementos de uma geografia deste fenómeno, usaremos as variáveis anunciadas no início, de acordo com os volumes mais representativos.

Começamos por observar a provincia de Orense, onde Padrendo deixou abalar alguns jovens, sendo a maioria rapazes analfabetos e quatro adultos instruídos, pois firmaram os documentos. Esta terra, na raia, a fazer fronteira com São Gregório, no concelho de Melgaço, foi classificada com indicadores de emigração muito débil por Eiras Roel e ao mesmo tempo é a única localidade a merecer nota para este espaço galego.

Outras áreas, como Avión e Beariz, apontadas como municípios de “emigração importante” só contribuíram com dois casos. Para Orense (⁶⁹), também etiquetada com fraca tendência para a saída dos seus patrícios, registámos cinco casos e em Parada nove. O que se constata, além da fraca tendência para estes galegos deixarem a terra, é a largada de alguns poucos provenientes da zona próxima da divisão com Pontevedra e mais intensamente na área de fronteira nacional, como acontece aos de Entrimo e Lovios. Também os há do outro extremo, em Carballeda e Petín, embora seja irrelevante demograficamente, onde Padrendo regista o número mais elevado destes êxodos, com vinte e três pessoas licenciadas em Viana do Castelo para travessia transoceânica (⁷⁰).

Os dados apresentados, face às áreas de mobilidade mais activa, permitem-nos asseverar que as povoações enquadradas neste contexto estão distribuídas ao longo da linha divisória das províncias de Orense e Pontevedra (Espanha) com o Alto-Minho, (Portugal) como o confirmam os seguintes exemplos: Beariz, Avión, Carbadela, Ribadavia, (⁷¹) Arnyoa, Cartelle, Refoios, Gomosende, Brande e Entrimo, a que se juntam Celanova, Ginzo e Orense. À medida que se caminha em direcção a Zamora, as referências esvaem-se, sendo excepção Carbadella, Montederramo e Petín, localidades inscritas entre os vários sítios de onde saíram varões documentados em Viana do Castelo.

Província de la Coruña

As pessoas de la Coruña, arroladas no Governo Civil de Viana do Castelo, para embarque rumo a outras paragens, apresentam um perfil com indicadores de instrução diferenciados, além de estarmos perante fluxos dominados pelos rapazes.

As terras com mais destaque podem ser observadas no quadro 8, onde os naturais de Dodro, San Cristobal e mesmo Padrendo emergem com fracas referências de alfabetização, enquanto Laiño, Santiago e Taragona surgem realçadas

que Vigo, entre muitos outros municípios, não impulsionava o abandono da terra, pois não havia a vocação para deixar a casa e procurar novos modos de ganhar a vida. Cf. ROEL, 1992: 7-32.

⁶⁶ Os elementos que possuímos apontam para uma fraca diáspora desta provincia, como já foi dado prova. Da diocese de Lugo e de Mondoñedo só foram registadas três saídas para o Brasil até 1900, enquanto para Portugal seguiram quatro no mesmo período. Ver MÉNDEZ, 1992: 133-138.

⁶⁷ Trata-se de uma abordagem onde os quantitativos mostram esse perfil de saídas muito escassas.

⁶⁸ O espectro da crise alastrou-se também a Portugal, onde o distrito de Viana do Castelo evidenciou as consequências ao nível da viticultura, dos maus anos agrícolas e das quebras de produção. Veja-se no nosso estudo, onde procedemos a uma análise com as variáveis da emigração e das crises económicas e políticas na primeira metade de oitocentos.

⁶⁹ Outros municípios da provincia de Orense, como acontece relativamente a Melon, colaboraram nas evasões em direcção a Portugal e mesmo para a América, especialmente a partir de 1871, como se confirma através das menções a óbitos, contudo não temos registos de percursos através de Viana do Castelo. Sobre as deslocações de média e curta distância para Melon.

⁷⁰ Este tipo de micro análise não tem merecido atenção dos investigadores por falta de fontes para o efeito mas a demografia histórica, através da dinâmica impressa por Norberta Amorim, apresenta resultados dignos de nota relativamente à micro mobilidade. O mesmo fez Eiras Roel, como sublinhámos, para a Galiza. Não podemos deixara de remeter para um exemplo de estatística migratória ensaiado por FERNÁNDEZ, 1998: 223-244.

⁷¹ Deste concelho, temos apenas o registo do *passaporte n.º 69, livro n.º 43*, folha 48, em nome de Jacinto Gulim Perez, imigrante em Melgaço, embarcado, posteriormente, desta terra para o Brasil, em 1889. Este caso corresponde ao cenário apresentado por RODRÍGUEZ, 1992: 165.

ao nível dos solteiros letrados. A localidade com mais representação de emigrantes é Conjo (⁷²), de onde os celibatários analfabetos se superiorizam aos colegas com o nome firmado nos documentos. Os cônjuges, em número de oito, eram todos eles indivíduos escolarizados. Só os rapazes de Taragona, Laiño e Santiago ostentam índices de literacia superiores aos analfabetos e, este último município, representado exclusivamente por jovens celibatários, lidera os indicadores de cultura letrada entre os naturais da mesma província.

A tendência pelo embarque para a longa distância, perceptível nos momentos de crises económicas e mais notada na década de setenta, aparece partilhada por mais de uma centena e meia de paróquias. Da bacia da Ria de Arosa e da ribeira do Ulla fixaram-se mais galegos em Portugal, que mais tarde embarcaram rumo às Américas, destacando-se Oliveira, Oleiros, Boiro, Rianjo, Laiño, Dodro, Padrón, (⁷³) Cruces e Teo. Depois aparecem os de Noya, Lousame e Negreira, aos quais se juntam os de Santiago e Oroso. Santa Comba, (⁷⁴) mais no interior, e Carballo (⁷⁵), a Norte, também figuram como zonas de fuga de mão-de-obra galega licenciada em Viana do Castelo.

À medida que se caminha em direcção a Lugo, o fenómeno retrai-se e confirma as teses já referenciadas das diferenças geográficas e dos modelos de emigração, quer de curta, ou de longa duração, internas e mesmo sazonal.

Província De Pontevedra

A proximidade desta área com o Alto-Minho, separada pelo curso fluvial desde Melgaço a Caminha, e os cenários sócio-económicos idênticos aos de Portugal, como as crises na viticultura, devem ter actuado sobre estes indivíduos, forçando-as a seguir rumo a outras paragens. Neste contexto, encontramos galegos com laços familiares, de cooperação e amizade com portugueses em terras do Brasil (⁷⁶). Outros usaram como estratégia de fuga a saída clandestina, embarcando em Caminha (⁷⁷), Viana e Porto, exercendo esta última cidade, pela actividade económica e expansão urbana, uma força sobre os excedentes rurais, entre os quais estavam os galegos radicados em Portugal.

A dinâmica migratória tinha efeitos contagiante nas gentes de Viana e do Porto, mas também sobre as populações da linha de fronteira com o rio Minho, para quem era suficiente atravessar o curso de água, de forma a poder embarcar sem mais peias. Assim, parece ter acontecido com os habitantes da província de Pontevedra, por oposição aos quantitativos de fluxos das restantes áreas da Galiza.

A distribuição destes movimentos implanta-se na Ribeira Minho, onde quase todas as localidades aparecem com algum elemento nestas dinâmicas, com destaque para os municípios de Rosal, Tomiño, Salceda e mesmo Caniza. À medida que se segue em direcção a Norte, a rede fica mais dispersa, como ocorre relativamente a Gondomar, Nigrán, Vigo, Redondela e Pontevedra. Quando se avança rumo ao interior de la Coruña, as marcas da mobilidade dissipam-se ou limitam-se ao registo de poucos indivíduos documentados em Viana do Castelo, como: Arril, Catoira, Valga, Louro, Riobo e Carbia. Esta cartografia realça o efeito de atracção por simpatia com os cenários migratórios do lado da fronteira portuguesa.

⁷² Localidade identificada como área de emigração intensa em 1877, da mesma forma como acontece para Santiago, como as classifica ROEL1992: 24.

⁷³ Se Padrón está classificado por Eiras Roel como tendo uma emigração intensa, de carácter masculino, podemos adiantar que, entre 1873 e 1876, em Viana do Castelo requereram licenças sete homens; 1 viúvo, 2 casados, 3 solteiros e um sem referência ao estado civil, dos quais um era analfabeto e dois deles dominavam com muita perícia a pena, escrevendo o nome com letra caligráfica, repartidos por actividades como lavrador com três casos, um negociante, outro proprietário e ainda um estudante, tendo seguido quatro deles para o Brasil, dois para Montevidéu e um rumou a Buenos Aires. Mesmo assim, estes escassos números dizem-nos que se tratava de homens cultivados pela alfabetização. Mas, a ida para a América Latina não foi imediata, considerando a a fixação no Alto-Minho, numa primeira fase, e a saída para as Américas, num segundo momento. Ver, sobre este município, PATIÑO, 1992: 113-122.

⁷⁴ Além dos dados existentes no quadro 9, devemos lembrar que só um negociante optou por seguir em direcção a Montevidéu. Os restantes identificaram o Brasil como destino, pertencendo a maior parte ao grupo social posicionado nas franjas da pirâmide, sendo jovens dos 16 aos 25 anos, com profissões de: "servente", criado e trabalhador, todos com passaporte entre 1873 e 1876.

⁷⁵ Temos nota de oito casos oriundos de Vilasuso, Carballo, todos eles instruídos, entre os quais seis seguiram para Buenos Aires e dois para o Rio de Janeiro. Os que tomaram o vapor para a ex-colónia portuguesa são os mais idosos, com 25 e 31 anos. Os restantes estão inseridos no grupo dos 16 aos 21, tendo sido identificados como trabalhadores e jornaleiros, não obstante dois destes tenham deixado assinaturas de letra perfeita. Os mais jovens partiram em 1874 e os que foram para a capital do Brasil fizeram-no no ano seguinte, em 1875. As referências à mobilidade neste município apontam para a segunda metade da centúria e início do século XX, onde o Brasil também figura como destino. Cf. PATIÑO, 1992: 123-131.

⁷⁶ Como exemplo, veja-se da carta escrita por João Tomás à esposa, Júlia Augusta, natural de Azevedo, Caminha, dando instruções, em 1898, «... para vireis direitos a onde eu estou devias de ir a mais o meu pai à Galiza, falar com um homem que esteve aqui [e] que] torna a vir para aqui com sua familia. Esse homem mora na Guarda Calle de Salana, nº 41, Sobre la Villa. Se chama António Alvarez [por] que eu estimava muito que vós viésseis com ele, porque sabe tudo por aqui. Pedi-lhe que não venha sem vós, que peço eu isto (...) queria que viésseis com a familia do espanhol (...) dizia-se, geralmente, que o brigue havia de receber, fora da barra, ou mesmo nella, à sadia (...) os passageiros hespanhoes» Este caso é elucidativo sobre saídas clandestinas, quer de portugueses quer de galegos, com estratégias bem coordenadas e sem que as autoridades conseguissem impedir tais movimentos, porque «era impossível obstar ao embarque de hespanhoes e mesmo de portugueses que, para o lado da Galiza, tinham passado (...) Não se sabe, nem consta o numero de passageiros hespanhoes que devia conduzir.» RODRIGUES, 2003: doc. 26 anexo em CD.

⁷⁷ RODRIGUES, 1995:, 237, onde se dá nota, em 1853, de «cinco subditos hespanhoes [com passaportes] passados pelo Governo Civil de Ponte Vedra, com destino igualmente para o Rio de Janeiro, sendo um destes cirurgião, e todos visados pelo Consul Geral do Imperio do Brasil, em Vigor».

Os quadros 8 e 9 ajudam-nos a observar a implantação do fenómeno, tratado com as variáveis da alfabetização estado civil, em função das áreas de maior contributo, o que, por vezes, nos levou a elencar várias localidades de um só município, devido à intensidade dos fluxos. Outras terras não figuram nesta tabela por estarem representadas com números insignificantes.

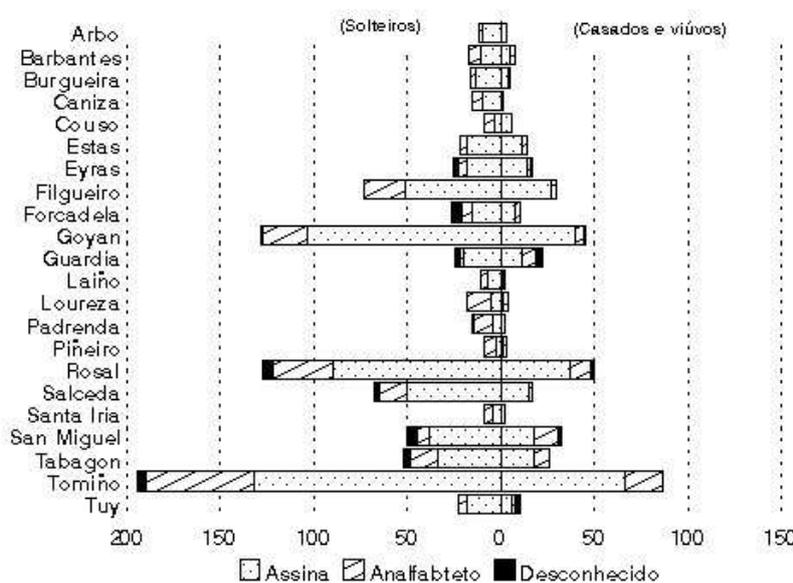
Os volumes de jovens instruídos têm maior expressão em Tomiño, com 132 casos, seguindo-se Goyan com 103 embarcados. Depois surgem os de Rosal com nove dezenas de casos e Figueiredo (Caniza) acima da fasquia da meia centena. Os números relativos a rapazes escolarizados exibem Goyan (Rosal) com o melhor índice de alfabetização de inubos, com 78,9% de firmas nos documentos. Os celibatários de Arbo, Burgueira, Estas e la Guardia foram identificados como sendo dos mais habilitados, pois todos eles evidenciam indicadores de literacia acima dos oitenta por cento. Mas os de la Guardia passam mesmo a barreira do índice noventa, perfil surpreendente face ao que referimos anteriormente.

Estes imigrantes sem compromissos familiares institucionais, inuptos, fazem prova das diferenças existentes entre áreas micro, como acontece em Tomiño, onde os de Barbantes aparecem com 66,7% de ignaros e os de Forcadela deixaram partir 27,3% de jovens ignorantes do abecedário.

Os varões com responsabilidades matrimoniais também não exibem um traço de uniformidade transversal a todo o espaço concelhio e muito menos na própria província, quando se analisam os elementos de literacia confirmada através da assinatura. Tomemos o exemplo dos naturais de Tabagon e Goyan; estes distanciam-se entre si perto de vinte pontos percentuais, a favor da última localidade, onde os cônjuges instruídos correspondem a 88.9%. Se excluirmos os municípios de mais baixa representação numérica, os casados de Figueiredo, em Caniza, - evadidos a dois tempos, tendo saído da Galiza para Portugal e depois tendo viajado rumo às Américas, - são quase todos escolarizados. Mas, no litoral, os de São Miguel de Oya apresentam-se com um perfil diferente e mais pobre no tocante a letrados, pois ficam-se pelos 56,3% os emigrantes portadores de tais competências, a de firmar o nome. Estes movimentos não representam os destituídos de cultura letrada, embora os naturais de algumas terras como Piñeiro, em Tuy, vissem partir maioritariamente analfabetos. Entre os espaços com melhores indicadores de cultura letrada estão os aparecem Tomiño, Goyan e Rosal.

[Figura 5]

Galegos por áreas de naturalidade mais representativas, estado civil e alfabetização, saídos entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Importa sublinhar a existência de terras onde os consorciados evidenciaram capacidades bastantes para transmitirem conhecimentos através da correspondência escrita, como aconteceu em Arbo, Caniza, (78) Padrenda, Santa Iria, São Cristóval, Couso e Conjo, espaços geográficos com números de emigrantes mais definidos, mas com indicadores de instrução elevados.

Somos levados a inferir que a debandada ocorria a partir de uma grande área e que os estados civis não actuavam uniformemente sobre os índices de alfabetização, pois há emigrantes galegos casados de determinadas terras com

78 Trata-se de uma comarca do interior da província de Pontevedra onde foram sentidas as dificuldades de sobrevivência a partir da agricultura no século XIX, quando a complementaridade incidia sobre a criação de gado. Em 1877, é notória uma relação de masculinidade tão acentuada definidora de um modelo de emigração definitiva diferente e mais intensa do que para períodos anteriores, como sublinha CASTELAO e RODRÍGUEZ, 1992.: 33-44.

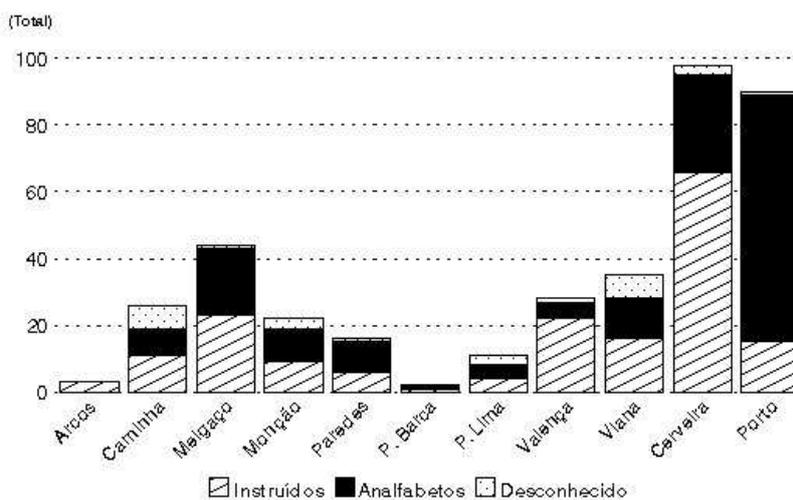
melhores indicadores de instrução que outros, ao mesmo tempo que os solteiros letrados de algumas paróquias dominam as saídas, como sublinhámos.

Áreas de residência

Se estes galegos vieram a Viana do Castelo com o objectivo resolver problemas que a região de origem não lhes proporcionava, só um pequeno número registou uma residência concreta na qualidade de imigrante no Noroeste de Portugal, quantitativos organizados na tabela 10, por estado civil, alfabetização e concelhos de fixação. A identificação das ruas do Porto, onde estavam domiciliados, é variada e mostra algum efeito da integração social bem conseguida. Alguns sítios onde habitavam vão desde Miragaia às ruas das Taipas, Mártires da Liberdade, Porta Nova, Pinheiro, Loureiro, Picaria, Almada, Santa Catarina, Rainha, Rosário, Formosa, Bonjardim, Praça da Batalha, entre outras, como prova de que não se anichavam em guetos ⁽⁷⁹⁾. Além estarmos perante um volume reduzido, os solteiros a viver na cidade do Porto não exibem os melhores dotes de literacia. Os restantes, sem menção concreta à fixação prolongada em Portugal, apresentam-se com mais indivíduos letrados do que os analfabetos. Do Porto, para Viana, vieram os maiores volumes de ignorantes do abecedário ⁽⁸⁰⁾, pois declararam-se incapazes de firmar o próprio nome, sendo a maioria deles solteiros.

[Figura 6]

Imigrantes galegos a residirem no norte de Portugal saídos com passaporte emitido em Viana do Castelo no século XIX



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

A cartografia permite a visualização do fenómeno por áreas municipais e ajuda a compreender os impactos das zonas de atracção, especialmente na linha de fronteira. Vila Nova de Cerveira ⁽⁸¹⁾ assume uma estratégia de cumplicidade nestes movimentos, onde os galegos letrados correspondem a setenta e quatro por cento, relativamente aos que aqui são dados como residentes. A seguir a este concelho, aparece Melgaço na segunda posição dos quantitativos do Alto-Minho.

Em relação aos detentores de responsabilidades maritais, apenas os residentes em Valença ostentam um quadro cultural mais favorável. Os restantes casados não revelaram indicadores escritos que nos permitissem inseri-los em

⁷⁹ Alguns galegos encontravam-se radicados há longos anos, como aconteceu a Joxe Benito Orge Garrido, de Santa Maria de Juma, servente, a morar na "Calle Armenia", nº 32, desde 1853, que opta por seguir para o Rio de Janeiro, em 1873. Era analfabeto e tinha vindo com tenra idade. Cf. *passaporte n.º 1335*, livro 25, folha 177v e, do processo, a respectiva certidão de residência. Outro exemplo, entre muitos, refere-se a Manoel Ferreyro Rodríguez, natural da Lamas, Corunha, que era servente, analfabeto e tinha vindo para o Porto aos quinze anos. Agora, feitos os trinta, reside na Praça da Liberdade e parte em 1875, como se prova através do *passaporte n.º 683*, livro 27, folha 162, além do respectivo processo e da certidão de residência. Outros mantiveram-se menos tempo, por vezes um ou dois anos e abandonaram Portugal.

⁸⁰ Tal perfil corresponde ao movimento a que se chamou "*massa amorfa e desqualificada*". Trata-se de jovens de baixo nível cultural fixados durante bastante tempo na cidade do Porto, que decidem abandoná-la na década de setenta, ao contrário de outros mais qualificados que se mantiveram por um curto espaço de tempo e, insatisfeitos, partiram à procura de melhores meios de vida ou fugiram às dificuldades encontradas na Galiza.

⁸¹ Os imigrantes com fixados neste concelho exibem, quase sempre, uma certidão de transeuntes emitida pelo Vice-Cônsul espanhol em Vila Nova de Cerveira; outros apenas comprovam a morada nesta área de fronteira. Sobre a acção deste magistrado, o Vice-Cônsul, ver o nosso trabalho: *Alto-Minho no Século XIX, contextos migratórios, sócio-culturais e familiares*, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras (dissertação de doutoramento), 2003, pp. 1253-1294, onde se aborda a problemática da emigração ilegal e clandestina. Algumas destas licenças podem corresponder a estratégias de saída ilegal de portugueses. Perante esta conjuntura de clandestinidade, os indicadores não terão uma expressão digna de relevo.

contextos culturais de circulação do escrito. Desta asserção, inferimos que os imigrantes fixados ao longo de vários anos em Portugal pertencem às franjas da base da pirâmide sócio-profissional ⁽⁸²⁾. Mas, ao contrário destes, os colegas que atravessaram a fronteira e adquiriram certificado de residência, com intenção de obterem passaporte em Viana do Castelo, eram pessoas de estratos sociais diferentes, como se demonstra pelos escritos deixados em arquivo com documentos firmados e mesmo pelos perfis profissionais.

Quadros sócio-profissionais e culturais

As representações profissionais, sociais e culturais deste surto centram-se em duas grandes áreas de actividades; depois temos uma pulverização de mesteres inscritos nestas diásporas ⁽⁸³⁾.

Os classificados como “lavradores” encabeçam os maiores números do movimento, representando 33,9% do fluxo, ⁽⁸⁴⁾ mas os indicadores de instrução ficam abaixo da média de todo o surto. Assim, como acontecia para os portugueses emigrantes, também os galegos ligados ao amanho da terra detêm um perfil de liderança de abandono das aldeias e, entre eles, os indicadores de instrução superam sempre os valores relativos aos colegas iletrados.

Outros foram arrolados como “jornaleiros” ⁽⁸⁵⁾. Destes apenas residiam em Portugal trinta e três indivíduos, ou seja a maior parte não se apresenta inscrita com o estatuto de imigrantes radicados vários anos além da fronteira espanhola. Numa primeira fase, estávamos decididos a inseri-los num grupo com criados, serventes, trabalhadores, aguadeiros e “braceros”, mas o facto de evidenciarem competências ao nível da escrita acima da média, e bem destacadas pelas assinaturas caligráficas, levou-nos a tratá-los separadamente. Constituem o segundo corpo mais volumoso, com 623 movimentos, o correspondente a 25,5% dos quantitativos analisados, predominando entre eles os rapazes. Mesmo assim, os casados continuam a ostentar os maiores índices de literacia. No total, os “jornaleiros” patenteiam trinta e um por cento de analfabetos ⁽⁸⁶⁾, contra 67,6% de instruídos, pois sobre os restantes nada consta na documentação sobre a capacidade de ler e escrever. Certo é o facto de estarmos perante gente identificada com um mester de baixa condição social e ao mesmo tempo detentora de um elevado nível comunicação escrita ⁽⁸⁷⁾, pois gizaram e/ou firmaram requerimentos constantes nos processos de embarque.

A terceira posição é ocupada pelos trabalhadores da construção civil: pedreiros, artistas, alvanéis, canteiros e calceteiros. Estes profissionais surpreendem-nos, pois exibem melhores índices de instrução do que os colegas portugueses, com uma saída. Neste grupo de ocupações, 75,7% fizeram prova de capacidades de manuseamento da pena, ao firmarem o nome nos documentos de aquisição da licença de viagem.

A base da pirâmide é constituída por indivíduos cujos serviços eram mal remunerados ⁽⁸⁸⁾, gente identificada com actividades ligadas ao amanho da terra ⁽⁸⁹⁾ ou às funções próprias da criadagem. Na verdade, este grupo é constituído maioritariamente por analfabetos, considerando a existência de pouco mais de quarenta e um por cento de firmas, valores que baixam quando analisamos esta variável para solteiros da mesma profissão.

974

⁸² Se as residências mais prolongadas originaram casamentos com portuguesas, como os nomes das esposas indicam, também eram galegos de baixos estratos sócio-culturais e de elevados índices de analfabetismo, embora tenham conseguido adquirir “casa e bens de raiz”, como o fez António Benito Gomes, natural de Tui, a residir em Cornes, Vila Nova de Cerveira, casado com Maria Rodrigues, que partiu em 1857, depois de ter permanecido no Alto-Minho mais de quinze anos. Cf. *passaporte n.º 99*, livro 5, folha 50v, emitido em 24 de Abril de 1857. Este lavrador tinha entrado com cerca de quinze anos de idade e partiu aos trinta e um sem saberem firmar.

⁸³ O perfil do galego saído para Puerto Rico, em 1897/98, é diferente dos que emergem neste surto. Cf. SONESSON, 1995: 308.

⁸⁴ No início do século XX, este quadro era diferente, pois os “agricultores” dominam todo o fenómeno, seguidos pelos “sem profissão”, como sublinha VILLARES, [1996 ?]: 112.

⁸⁵ Relativamente aos canários, registados pela polícia de Montevidéu, a presença de jornaleiros, entre 1830-1840, era reduzida, como refere YÁÑEZ, 1999: 57- 61-62.

⁸⁶ A qualificação profissional de espanhóis, na fase de fuga massiva, aparece com predomínio das actividades de jornaleiro e agricultores. ALONSO, 1995: 167.

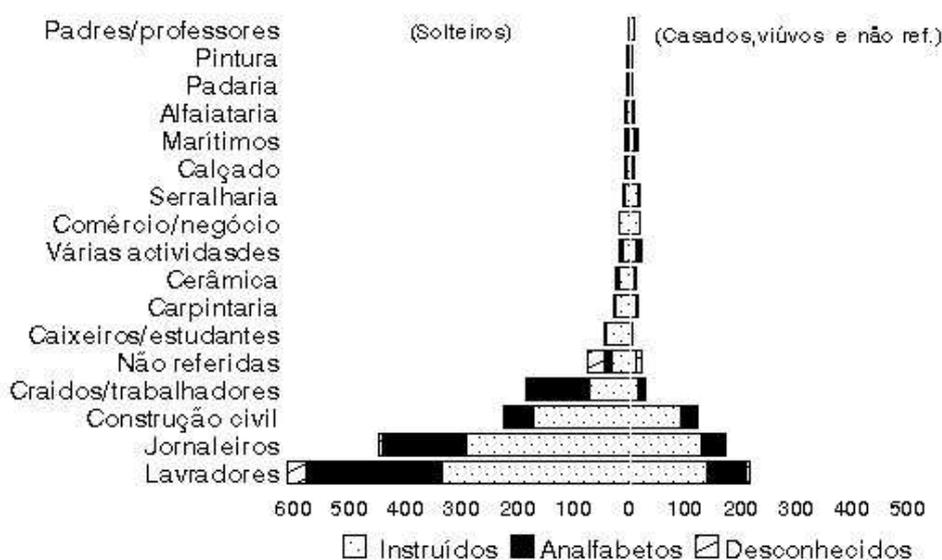
⁸⁷ Esta dupla condição, por um lado a condição cultural destacada e por outro o enquadramento profissional mais desprestigiado pode corresponder à condição dos imigrantes em Portugal que se submetem a uma qualquer ocupação, todavia, esta conjectura necessita de alguns cuidados, pois poderiam ser pessoas a “trabalhar à jorna”, ou ainda uma estratégia de registo das actividades, quando as avalanches pressionavam a emissão de passaportes.

⁸⁸ A mobilidade transatlântica provocava taxas de exploração elevadas, o que originou a submissão a trabalhos mais rudes, como se demonstra através dos contratos de trabalho que os galegos assinavam no século XIX, referidos por: GALDO, [1984]: 116-117

⁸⁹ Quando se analisa a evolução profissional de espanhóis saídos para outras paragens, descobre-se que os “agricultores” aumentam a pressão, diminuindo os industriais e artesãos, porém, os emigrantes sem registo de actividade, a partir de 1904, mantêm indicadores que ficam bastante estáveis até 1921, como indica ALONSO, 1995: 164-165.

[Figura 7]

Distribuição sócio-profissional de emigrantes galegos por estado civil e alfabetização, saídos entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Registamos, ainda, a presença de marítimos, pescadores, marinheiros, padeiros, cozinheiros e confeitadores, além de outros sem referência ao mester, conjunto mais empobrecido ao nível da cultura letrada. Ao contrário destes, os caixeiros, estudantes, escreventes, comerciantes, negociantes, alarifes, empreiteiros e mamosteiros emergem como membros de uma elite, aos quais se juntam padres, professores e proprietários, cujos quadros de literacia passam dos noventa pontos percentuais.

Os alfaiates, costureiras e engomadeiras, juntamente com sapateiros e “várias actividades” figuram em número reduzido e, ao mesmo tempo, sem referências relevantes às capacidades de manejo das letras. Aqui incluímos: bandarilheiro, barbeiro, cesteiro, cocheiro, doméstica, “ençablador”, guarda-soleiro, impressor, moleiro, pregueiro, tecedeira, tendeiro, vendeiro, torrador de café, entre outras actividades sem qualquer relevância quantitativa.

Ao examinarmos os agregados profissionais menos volumosos, excluindo os quatro grandes conjuntos e os detentores de um nível de cultura letrada mais enfraquecido, encontramos um total de 565 emigrantes, dos quais 79,3% eram galegos capazes de ler e escrever e contar. Entre eles há forneiros, telheiros, ⁽⁹⁰⁾ carpinteiros, ferreiros, serralheiros e caiadores, além do escol onde se inserem estudantes, caixeiros e outros agentes/difusores dos saberes das letras. Neste cenário, apenas emergem indícios de alfabetização favoráveis aos celibatários, o que se deve à presença de jovens escolarizados, ou que já tinham sido iniciados no tirocínio do caixeirato, ao contrário do que concluimos, quando tratamos o fluxo globalmente.

Estamos perante estratos sociais muito diversificados com padeiros, alfaiates, sapateiros, marítimos, criados, lavradores, “várias actividades” e os não referenciados profissionalmente, cujo volume superior é a metade dos fluxos, com 1225 emigrantes. Destes firmaram pelo próprio punho 52,8% e mais de quarenta em cada cem declaram-se incapazes para o fazer, cabendo os restantes números aos que fizeram silêncio sobre estas competências. Outro agrupamento sócio-profissional e cultural afeiçoado aos de cima, às elites, aos quais se juntam pintores, caiadores, ferreiros, serralheiros, forneiros, telheiros, carpinteiros e “jornalheiros” estão representados por 1188 embarques, dos quais 73,1% eram pessoas com conhecimentos e afeiçoadas do escrito.

Grupos profissionais

A existência de uma dicotomia profissional baseada nos indicadores de alfabetização permite-nos organizar estes elementos em dois grupos: um onde os instruídos aparecem com os índices mais elevados, entre os quais estão os “jornalheiros” por ostentarem assinaturas caligráficas, o que indicia que, tendo sido classificados profissionalmente como “trabalhando à jorna”, tiveram acesso à escolarização. Entre eles, mais de vinte por cento deixaram uma firma perfeita ⁽⁹¹⁾, embora tivessem sido arrolados com um mester socialmente pouco valorizado. Outro conjunto é

⁹⁰ Também encontramos, para o Alto-Minho, telheiros proprietários de fornos de tijolo e telha instruídos. Num universo de 17 casos, apenas sete proprietários de fornos de telha e tijolo assinaram os requerimentos respectivos. RODRIGUES, 2003: 214-215.

⁹¹ As firmas caligráficas, denotadores de fácil manejo da pena, visível através das letras perfeitas, correspondem a indicadores de escolarização próprios de quem frequentou algum tipo de ensino, mesmo que tenha sido feita a aprendizagem nas “escolas de ferrado”, para usar a expressão de GABRIEL, 1985: 327.

composto por: lavradores, marítimos, criados, serventes, sapateiros, alfaiates, os que nada mencionaram sobre a ocupação, ‘*não referidos*’, e um conjunto de vários mesteres.

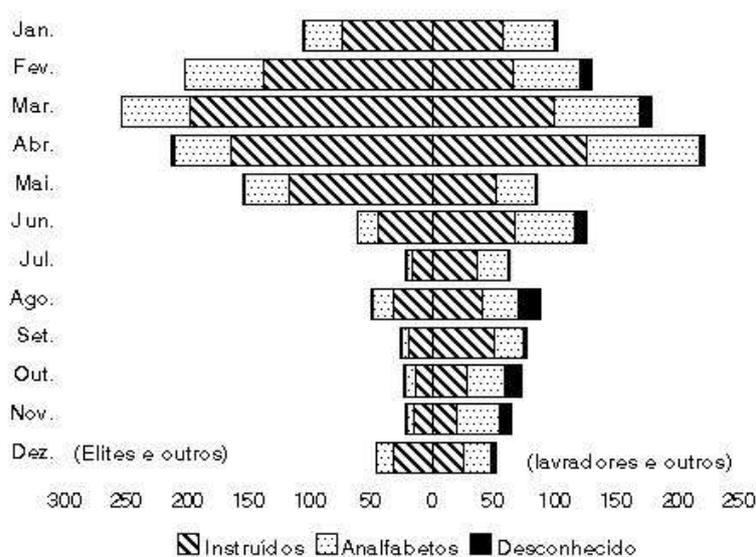
A maioria dos galegos instruídos pedia os documentos de viagem em Abril, enquanto os meses de Outubro e Novembro são dominados pelos analfabetos e, ainda, que os movimentos ocorrem com menos intensidade no Outono e no mês de Julho. Este quadro é diferente do que se obtém relativamente aos restantes colegas, onde estão os mais destacados social e culturalmente, emigrantes com elevados índices de ilustração, entre os quais incluímos os “serventes”.

Se os alfabetizados marcam Março como momento da partida, os lavradores e os analfabetos adiam da obtenção do passaporte para o mês seguinte. Da mesma forma, os primeiros meses o movimento são liderados pelas elites culturais; a partir de Maio temos os restantes grupos juntamente com iletrados, aos quais se associam os de quem desconhecemos se detinham competências para o uso das escritas.

Constatámos a existência de uma dicotomia da mobilidade, quando analisados os momentos de obtenção de passaporte de letrados e de analfabetos, que ocorrem em momentos diferentes. Os primeiros saíam sem compromissos com o mundo rural, das lides sazonais; os segundos estavam mais dependentes dos ritmos agrícolas. Mesmo assim, estes galegos eram pessoas qualificadas, cujos movimentos são constituídos por um leque sócio-profissional diversificado. As trajectórias dos diferentes grupos de emigrantes saídos para América mostram que não se tratava de uma categoria indiferenciada e que a substituição da mão-de-obra escrava não implicou que todos os que entraram no Brasil estivessem sujeitos ao mesmo tratamento, embora o espanhol tivesse chegado «*en una época de pocas oportunidades*» (SOUZA, 1995: 249-253.. Aqui coabitam os oriundos das franjas da pirâmide social e um escol bem preparado para vencer os novos desafios profissionais noutras paragens.

[Figura 8]

Movimento sazonal de galegos por grupos profissionais e alfabetização, saídos entre 1838-1900



Fonte: Elaboração própria. Ver quadros em anexo

Áreas de destino

As licenças de viagem indicam como destino, maioritariamente, o Brasil ⁽⁹²⁾; pouco mais de vinte e três por cento registaram a saída para a América espanhola. Assim, cerca de setenta e seis por cento do fluxo seguiu rumo à ex-colónia portuguesa; entre os sítios mais procurados destaca-se o Rio de Janeiro, cujo movimento corresponde a 51,7% de todo o fluxo ⁽⁹³⁾. Os restantes inscreveram-se, genericamente, para embarcar rumo ao “Brasil”, São Paulo, Pará e Pernambuco. O facto de o café ter assumido relevância como produto comercial de exportação durante o século XIX e a lei de 1871 ter proporcionado o aparecimento de medidas favoráveis à captação de colonos estrangeiros - como aconteceu com o estado de São Paulo, especialmente na segunda metade da década de 1870,

⁹² Se a emigração espanhola para América foi relativamente reduzida, em comparação com outros países da Europa, e se a primazia foi dada à Argentina que mais atracção fazia sobre os espanhóis, estes galegos residentes em Portugal não seguiram a lógica descrita por MOTES, 1998: 44.

⁹³ Registamos meia dúzia de casos até 1850, embora não exista movimento de espanhóis para o Brasil até 1840 segundo o estudo de KLEIN, 1996: 143.

atraindo imigrantes para os trabalhos ligados à sua produção - deve ter influenciado as decisões de muitos galegos. Os agentes de colonização terem actuado intensamente sobre os campos espanhóis (Gallardo, 1994: 91), tal como aconteceu em Portugal. As referências a outras terras como Baía, Rio Grande do Sul, Praia Grande e Santos também figuram entre os licenciados para a viagem.

Relativamente à América de língua castelhana, merecem destaque as idas para Buenos Aires ⁽⁹⁴⁾ e Montevidéu, embora também haja saídas para Havana e Valparaíso. Outros obtiveram documentos de deslocação para a Europa e mesmo para Luanda.

O caudal ocorria em direcção a duas grandes áreas, bem definidas: o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Estamos perante emigrantes para quem a própria língua facilitava a comunicação, pois iam para onde se falava português ou castelhano, o que ajuda a compreender as opções de nova fixação. Sem grande destaque, ainda houve que indicasse como ponto de desembarque os estados de São Paulo, Pernambuco e Pará.

O nível cultural destes galegos merece uma observação relativamente a quem peregrinou até Pernambuco. Também os embarcados para o Rio de Janeiro e Buenos Aires exibem indicadores de literacia acima dos sessenta e cinco pontos, quando seria de esperar menores valores face aos saberes letrados. O pequeno conjunto espalhado por várias terras emerge com um perfil invejável; sendo apenas vinte casos, 75% deixaram firmados os documentos. As referências mais pobres encontram-se entre os registados com destino ao “Brasil”, sem especificarem um sítio concreto, e a Montevidéu, pois pouco mais de cinquenta e cinco pontos percentuais assinaram o nome.

Quando analisamos estas variáveis de acordo com o estado civil, celibatários e consorciados, ficamos a saber que os jovens escolhiam Buenos Aires e Rio de Janeiro, enquanto o Pará não atraía galegos documentados em Viana do Castelo. A distribuição, por indicadores de literacia e tendo em conta as áreas mais procuradas, mostra-nos que Pernambuco, Buenos Aires e Rio de Janeiro captaram mais emigrantes instruídos. Os locais menos solicitados, como Pará e São Paulo e “outras terras”, também atraíram menos jovens alfabetizados. Devemos sublinhar a entrada de 46,2% de analfabetos declarados em Montevidéu. Podemos inferir que a Argentina acolhia os mais novos/solteiros e, ao mesmo tempo, mais gente os destituída de competências para o uso das letras, os de baixo, gente oriunda de estratos sociais e culturais mais desfavorecidos, fenómeno oposto ao protagonizado pelos colegas que optaram pelo Brasil.

Ao contrário da juventude, os emigrantes com responsabilidades conjugais declararam intenção de viajar rumo ao Rio de Janeiro ou o “Brasil”, ⁽⁹⁵⁾ pois a América espanhola só figura nestes documentos com 16,8% de escolhas. Aquelas duas áreas juntas receberam mais de setenta e oito casos em cada cem indivíduos deste estado civil. Se contabilizarmos os entrados em terras de Vera Cruz, o movimento aponta para cerca de 82%. Com estes indicadores, podemos asseverar que estes galegos casados seguiram trajectos migratórios idênticos aos dos portugueses.

Os impetrantes com responsabilidades maritais com destino a Montevidéu, Buenos Aires e o Rio de Janeiro, surgem com indicativos de alfabetização situados entre os 71,7% para a capital do Brasil e os 77,1% para a primeira cidade (Montevidéu), cabendo a Buenos Aires mais de setenta e dois por cento. De novo e por destino, os mais idosos protagonizam lógicas cuja variável da instrução é diferente das dos rapazes ou emigrantes solteiros.

Se os celibatários dominam estes êxodos, como sublinhámos, os galegos responsáveis por lares detêm os maiores rácios de instruídos, especialmente entre os embarcados rumo a Montevidéu, embora os que assinalaram o “Brasil” baixem os indicadores, comparativamente aos celibatários com o mesmo destino.

Conclusão

Se a crise de meados da centúria empurrou galegos para fora da terra de nascimento, os naturais Pontevedra assumem a representatividade desta evasão de imigrantes documentados em Viana do Castelo. O fluxo concentra-se na década de setenta do século XIX, especialmente no lustro de 1872 a 1876, período em que embarcaram mais de noventa por cento de galegos, suplantando os caudais de portugueses com passaportes requeridos no Governo Civil de Viana, no mesmo período. A diáspora tem a marca dos celibatários masculinos, destacando-se os jovens dos 16 aos 20 anos, mas os consorciados exibem sinais de literacia com melhores índices.

Estes surtos são maioritariamente provenientes de Pontevedra, seguindo-se a Coruña com maiores contributos. Mas, a primeira província lidera todo o movimento com mais de mil e oitocentos registos, enquanto Orense fica aquém de uma centena de casos. Importante é a participação de casados da Ribeira-Minho (Galiza), por exibirem bons indicadores de alfabetização.

Os volumes de jovens instruídos têm maior caudal em Tomiño, seguindo-se Goyan, duas áreas bem destacadas neste universo. Também Rosal e Figueiredo (Caniza) merecem uma referência pelos valores quantitativos. Entre os

⁹⁴ Além das referências apresentadas sobre o emigrante espanhol na Argentina, veja-se, relativamente a Buenos Aires, ORDEM, 1995: 124-147.

⁹⁵ Pelo *Boletín Oficial de la Provincia de Pontevedra*, 100, 14 de Diciembre de 1836, vê-se a acção de agências colonizadoras, na procura de galegos dos catorze aos trinta anos. GONZÁLEZ, 1999: 74.

letrados, Goyan (Rosal) detinha o melhor indicador de literacia de solteiros, mas os celibatários de Arbo, Bogueira, Estas e la Guardia emergem neste cenário como os mais bem preparados ao nível das letras, com percentagens de alfabetização a passar dos oitenta por cento, enquanto os jovens de la Guardia conseguem ir além da fasquia dos noventa por cada cem movimentos, fenómeno surpreendente relativamente a todo o fluxo.

A fuga de galegos é encabeçada por indivíduos cujas actividades foram identificadas por “lavradores”. Também se destacam os classificados como “jornaleiros”, representando mais de um quarto do volume analisado. Depois destes dois conjuntos profissionais, emergem os mestres correlacionados com a construção civil, galegos com melhores perfis de literacia do que os colegas do Alto-Minho, considerando a presença de 75,7% de instruídos. A criadagem, a que se juntam marítimos, pescadores, marinheiros, padeiros, cozinheiros e confeitores, além de outros sem referência ao mester, constituem o corpo culturalmente mais empobrecido e posicionam-se nas franjas desta pirâmide.

Os estratos são diversificados, contudo os de quem não temos referência à ocupação correspondem à maioria destes surtos. A dicotomia sócio-profissional e cultural, orientada de acordo com as capacidades reveladas ao nível das assinaturas, exhibe dois grupos; um formado por lavradores, “várias actividades”, os “indeterminados”, marítimos, criados, serventes, sapateiros e alfaiates, conjunto mais empobrecido ao nível da literacia; os restantes correspondem aos de cima, a elite, um escol ilustrado, onde se inserem os “jornaleiros”, que saem entre Janeiro e Março, quando o outro conjunto exhibe um ritmo diferente, mas concentrado no mês de Abril.

O destino destes imigrantes divide-se por dois países da América Latina: a Argentina e o Brasil. As terras de Vera Cruz atraíram a maioria destes movimentos, pois estavam registadas na intenção de 75,9%, destacando-se aqui a atracção pelo Rio de Janeiro. Além desta cidade, a escolha recaiu em São Paulo, Pará e Pernambuco, estados com maior número desembarques, depois da capital do Brasil. Nas terras onde se falava castelhano, impõem-se: Buenos Aires, Montevideu, Havana e Valparaíso.

O Rio de Janeiro e Buenos Aires são os grandes focos atracção, embora Buenos Aires seja a cidade eleita pelos jovens galegos letrados. Opção diferente foi tomada pelos adultos com responsabilidades matrimoniais, tendo preferido a fixação no Rio de Janeiro ou no “Brasil”.

[QUADRO 1] (⁹⁶)
GALEGOS POR ANO DE EMISSÃO DE PASSAPORTE
E NÍVEIS DE INSTRUÇÃO, ENTRE 1838-1900

Ano de Emissão	Assinaturas por nível				Iletrados	Desconhecido	Movimento Total
	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Total			
1838	0	0	0	0	1	0	1
1839	0	0	0	0	0	0	0
1840	0	1	0	1	1	0	2
1841	0	1	0	1	0	0	1
1842	1	0	1	2	0	0	2
1843	0	0	0	0	0	0	0
1844	0	0	0	0	0	0	0
1845	0	0	0	0	0	0	0
1846	0	0	0	0	0	0	0
1847	0	0	0	0	0	0	0
1848	0	0	0	0	0	0	0
1849	0	0	0	0	0	0	0
1850	0	0	0	0	0	0	0
1851	1	1	0	2	0	0	2
1852	0	0	0	0	0	0	0
1853	1	0	0	1	0	0	1
1854	1	4	0	5	2	3	10
1855	0	13	2	15	9	0	24
1856	0	1	0	1	1	0	2
1857	0	1	1	2	2	0	4
1858	0	1	0	1	0	0	1
1859	0	0	0	0	0	0	0
1860	0	4	0	4	0	1	5
1861	0	1	0	1	0	0	1

⁹⁶ As fontes para elaboração dos quadros e das figuras foram organizadas pelo autor a partir do Arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo, *Livros de Registos de Passaportes* (1838-1900) e respectivos processos.

ÁREA DE HISTORIA

1862	0	1	0	1	0	0	1
1863	1	2	1	4	1	1	6
1864	0	1	1	2	0	0	2
1865	0	0	1	1	1	0	2
1866	3	2	0	5	0	0	5
1867	0	1	0	1	0	0	1
1868	1	1	1	3	2	0	5
1869	1	1	0	2	1	0	3
1870	0	3	0	3	3	0	6
1871	6	11	0	17	5	0	22
1872	27	17	1	45	23	1	69
1873	98	194	19	311	117	9	437
1874	139	328	18	485	242	35	762
1875	112	329	20	461	275	21	757
1876	24	44	1	69	65	2	136
1877	2	5	1	8	1	0	9
1878	0	1	0	1	0	0	1
1879	5	3	1	9	5	6	20
1880	1	2	0	3	1	0	4
1881	1	2	0	3	1	0	4
1882	0	4	0	4	5	2	11
1883	0	1	0	1	2	0	3
1884	0	0	1	1	1	1	3
1885	0	1	0	1	1	0	2
1886	2	3	0	5	0	1	6
1887	2	0	1	3	2	1	6
1888	6	1	0	7	3	3	13
1889	0	2	0	2	1	1	4
1890	1	2	0	3	11	0	14
1891	3	2	0	5	10	1	16
1892	2	0	0	2	3	0	5
1893	1	2	0	3	3	5	11
1894	3	3	0	6	2	2	10
1895	0	2	1	3	3	0	6
1896	1	1	0	2	1	1	4
1897	1	0	0	1	0	1	2
1898	2	3	1	6	1	1	8
1899	4	1	0	5	0	0	5
1900	2	0	0	2	2	2	6
Totais	455	1004	73	1532	810	101	2443

979

[QUADRO 2]
GALEGOS POR ANO DE EMISSÃO DE PASSAPORTE E ESTADO CIVIL
COM INDICADORES DE INSTRUÇÃO, 1838-1900

Ano de Emissão	Solteiros				Casados,viúvos e não ref. (*)				Total do movimento			
	Assina	Analfa.	Ignora	Total	Assina	Analfa.	Ignora	Total	Assina	Analfa.	Ignora	Total
1838	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1
1839	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1840	1	0	0	1	0	1	0	1	1	1	0	2
1841	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1
1842	1	0	0	1	1	0	0	1	2	0	0	2
1843	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1844	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1845	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1846	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1847	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1848	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1849	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1850	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

ÁREA DE HISTORIA

1851	2	0	0	2	0	0	0	0	2	0	0	2
1852	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1853	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
1854	3	2	3	8	2	0	0	2	5	2	3	10
1855	13	6	0	19	2	3	0	5	15	9	0	24
1856	0	1	0	1	1	0	0	1	1	1	0	2
1857	1	1	0	2	1	1	0	2	2	2	0	4
1858	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1
1859	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1860	4	0	1	5	0	0	0	0	4	0	1	5
1861	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1
1862	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1
1863	4	1	1	6	0	0	0	0	4	1	1	6
1864	1	0	0	1	1	0	0	1	2	0	0	2
1865	1	1	0	2	0	0	0	0	1	1	0	2
1866	5	0	0	5	0	0	0	0	5	0	0	5
1867	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1
1868	2	0	0	2	1	2	0	3	3	2	0	5
1869	2	0	0	2	0	1	0	1	2	1	0	3
1870	0	2	0	2	3	1	0	4	3	3	0	6
1871	13	3	0	16	4	2	0	6	17	5	0	22
1872	33	13	0	46	12	10	1	23	45	23	1	69
1873	214	88	5	307	97	29	4	130	311	117	9	437
1874	379	204	32	615	106	38	3	147	485	242	35	762
1875	302	219	17	538	159	56	4	219	461	275	21	757
1876	56	56	2	114	13	9	0	22	69	65	2	136
1877	2	1	0	3	6	0	0	6	8	1	0	9
1878	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
1879	4	3	5	12	5	2	1	8	9	5	6	20
1880	1	0	0	1	1	1	0	2	2	1	0	3
1881	0	0	0	0	3	1	0	4	3	1	0	4
1882	1	1	1	3	4	4	1	9	5	5	2	12
1883	0	0	0	0	1	2	0	3	1	2	0	3
1884	0	0	0	0	1	1	1	3	1	1	1	3
1885	0	0	0	0	1	1	0	2	1	1	0	2
1886	1	0	1	2	4	0	0	4	5	0	1	6
1887	1	0	1	2	2	2	0	4	3	2	1	6
1888	6	0	1	7	1	3	2	6	7	3	3	13
1889	0	1	0	1	2	0	1	3	2	1	1	4
1890	2	6	0	8	1	5	0	6	3	11	0	14
1891	3	9	1	13	2	1	0	3	5	10	1	16
1892	1	0	0	1	1	3	0	4	2	3	0	5
1893	1	0	4	5	2	3	1	6	3	3	5	11
1894	3	1	1	5	3	1	1	5	6	2	2	10
1895	0	1	0	1	3	2	0	5	3	3	0	6
1896	0	0	0	0	2	1	1	4	2	1	1	4
1897	0	0	0	0	1	0	1	2	1	0	1	2
1898	2	0	1	3	4	1	0	5	6	1	1	8
1899	4	0	0	4	1	0	0	1	5	0	0	5
1900	0	1	2	3	2	1	0	3	2	2	2	6
Totais	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

(*) Há 49 casos sem referência ao estado civil, todos com mais de vinte anos, e 26 viúvos, números que não justificam tratamento separado.

[QUADRO 3]
GALEGOS COM PASSAPORTE EMITIDO EM VIANA DO CASTELO
POR ANO DE SAÍDA E GRUPOS ETÁRIOS, 1838-1900

Ano de Emissão	Grupos etários									
	<=10	11-15	16-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	>=46	Total

ÁREA DE HISTORIA

1838	0	0	1	0	0	0	0			1
1839	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1840	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2
1841	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
1842	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2
1843	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1844	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1845	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1846	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1847	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1848	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1849	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1850	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1851	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
1852	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1853	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
1854	2	0	2	2	2	1	0	1	0	10
1855	0	0	7	10	2	1	2	0	2	24
1856	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2
1857	1	0	0	0	0	2	0	1	0	4
1858	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
1859	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1860	0	2	1	2	0	0	0	0	0	5
1861	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
1862	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
1863	0	2	1	1	0	1	1	0	0	6
1864	0	0	1	0	1	0	0	0	0	2
1865	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
1866	0	1	0	2	1	1	0	0	0	5
1867	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
1868	0	0	1	0	1	2	0	0	1	5
1869	0	1	1	0	0	0	0	0	1	3
1870	0	0	1	1	1	3	0	0	0	6
1871	0	4	9	3	0	4	0	0	2	22
1872	0	4	20	14	7	9	7	5	3	69
1873	4	43	102	103	75	42	17	28	23	437
1874	17	78	272	170	90	42	41	22	30	762
1875	21	125	196	132	82	53	73	29	46	757
1876	2	31	56	15	10	7	9	5	1	136
1877	0	0	0	0	1	2	3	0	3	9
1878	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
1879	3	3	2	1	3	1	3	0	4	20
1880	0	1	0	0	1	0	0	0	1	3
1881	0	0	0	2	0	0	0	1	1	4
1882	1	0	0	1	3	1	3	2	1	12
1883	0	0	0	1	0	2	0	0	0	3
1884	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3
1885	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
1886	0	0	0	1	0	1	0	0	4	6
1887	1	0	0	0	1	2	0	1	1	6
1888	0	0	3	3	2	0	2	2	1	13
1889	0	0	1	0	1	0	0	0	2	4
1890	0	0	0	2	5	1	3	1	2	14
1891	0	2	3	5	2	0	2	1	1	16
1892	0	1	0	1	0	1	0	1	1	5
1893	2	2	1	2	1	0	1	0	2	11
1894	1	0	2	2	1	2	1	0	1	10
1895	0	0	1	0	0	1	0	1	3	6

ÁREA DE HISTORIA

1896	0	0	0	0	2	0	1	1	0	4
1897	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2
1898	1	0	0	0	3	2	1	0	1	8
1899	0	1	2	0	1	1	0	0	0	5
1900	1	0	0	3	1	0	1	0	0	6
Totais	57	306	688	480	304	186	174	107	141	2443

[QUADRO 4]
GALEGOS POR ANO DE NASCIMENTO, ESTADO CIVIL E
INDICADORES INSTRUÇÃO, SAÍDOS ENTRE 1838-1900

Anos de Nascimento	Solteiros				Casados/viúvos n.ref.				Movimento			
	Assina	Analfa	Ignora	Total	Assina	Analfa	Ignora	Total	Assina	Analfa	Ignora	Total
<=1800	0	0	0	0	1	2	0	3	1	2	0	3
1801-1805	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1
1806-1810	0	0	0	0	3	2	0	5	3	2	0	5
1811-1815	1	0	0	1	2	4	0	6	3	4	0	7
1816-1820	3	2	0	5	19	5	0	24	22	7	0	29
1821-1825	6	3	0	9	28	11	0	39	34	14	0	48
1826-1830	8	6	0	14	67	18	3	88	75	24	3	102
1831-1835	19	5	1	25	65	15	1	81	84	20	2	106
1836-1840	35	12	4	51	102	45	2	149	137	57	6	200
1841-1845	60	29	1	90	75	30	4	109	135	59	5	199
1846-1850	182	110	5	297	57	32	3	92	239	142	8	389
1851-1855	245	148	5	398	13	11	2	26	258	159	7	424
1856-1860	356	235	17	608	10	5	0	15	366	240	17	623
1861-1865	133	56	10	199	4	2	0	6	137	58	10	205
1866-1870	9	8	9	26	3	3	2	8	12	11	11	34
1871-1875	10	6	13	29	8	3	4	15	18	9	17	44
1876-1880	5	2	6	13	0	0	0	0	5	2	6	13
1881-1885	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	3	3
1886-1890	1	0	1	2	0	0	0	0	1	0	1	2
1891-1895	0	0	2	2	0	0	(*) 1	1	0	0	3	3
1895-1900	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não ref.	1	0	2	3	0	0	0	0	1	0	2	3
Total	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

(*) Trata-se de um emigrante sem referência ao estado civil

[QUADRO 5]
GALEGOS POR ANOS DE IDADE, ESTADO CIVIL E INSTRUÇÃO SAÍDOS
COM PASSAPORTE EMITIDO ENTRE 1838-1900

Anos de Idade	Solteiros				Casados/viúvos, não ref				Movimento total			
	Assina	Analfa	Ignora	Total	Assina	Analfa	Ignora	Total	Assina	Analfa	Ignora	Total
6	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	3	3
7	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0	3	3
8	0	1	3	4	0	0	0	0	0	1	3	4
9	0	1	1	2	0	0	0	0	0	1	1	2
10	3	2	0	5	0	0	0	0	3	2	0	5
11	18	2	3	23	0	0	0	0	18	2	3	23
12	52	21	4	77	0	0	0	0	52	21	4	77
13	38	11	5	54	0	0	0	0	38	11	5	54
14	44	27	7	78	0	0	0	0	44	27	7	78
15	47	23	4	74	0	0	0	0	47	23	4	74
16	97	66	7	170	0	0	0	0	97	66	7	170
17	116	63	1	180	0	2	0	2	116	65	1	182
18	102	63	1	166	0	0	0	0	102	63	1	166
19	56	45	2	103	0	1	0	1	56	46	2	104
20	41	22	2	65	0	0	1	1	41	22	3	66

21	52	31	2	85	2	1	0	3	54	32	2	88
22	59	35	0	94	4	0	0	4	63	35	0	98
23	35	39	0	74	1	8	1	10	36	47	1	84
24	67	40	2	109	11	8	0	19	78	48	2	128
25	40	22	3	65	12	5	0	17	52	27	3	82
26	45	28	2	75	15	4	1	20	60	32	3	95
27	17	13	0	30	13	7	0	20	30	20	0	50
28	23	13	0	36	15	5	1	21	38	18	1	57
29	21	5	1	27	18	3	0	21	39	8	1	48
30	13	10	0	23	20	10	1	31	33	20	1	54
31	11	7	0	18	17	4	2	23	28	11	2	41
32	12	3	2	17	17	4	1	22	29	7	3	39
33	6	2	0	8	14	6	0	20	20	8	0	28
34	7	6	0	13	26	9	0	35	33	15	0	48
35	6	0	0	6	14	10	0	24	20	10	0	30
36	9	6	0	15	23	12	0	35	32	18	0	50
37	5	1	0	6	21	5	0	26	26	6	0	32
38	5	2	1	8	14	11	0	25	19	13	1	33
39	3	2	1	6	15	4	0	19	18	6	1	25
40	2	2	0	4	25	3	2	30	27	5	2	34
41	5	1	0	6	9	5	0	14	14	6	0	20
42	1	0	0	1	13	7	0	20	14	7	0	21
43	0	1	0	1	12	3	1	16	12	4	1	17
44	3	1	0	4	11	3	1	15	14	4	1	19
45	0	0	0	0	25	3	2	30	25	3	2	30
46	0	0	0	0	11	6	1	18	11	6	1	18
47	1	0	0	1	3	5	1	9	4	5	1	10
48	2	1	0	3	17	2	0	19	19	3	0	22
49	0	1	0	1	10	4	0	14	10	5	0	15
50	0	0	0	0	9	6	0	15	9	6	0	15
51	0	0	0	0	5	1	0	6	5	1	0	6
52	0	1	0	1	4	5	0	9	4	6	0	10
53	0	1	0	1	4	1	0	5	4	2	0	6
54	1	0	0	1	3	2	0	5	4	2	0	6
55	0	0	0	0	2	1	0	3	2	1	0	3
>=56	0	0	0	0	19	10	1	30	19	10	1	30
N. ref.	9	1	19	29	4	2	5	11	13	3	24	40
Total	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

[QUADRO 6]
MOVIMENTO SAZONAL DE GALEGOS, POR ESTADO CIVIL
E ALFABETIZAÇÃO SAÍDOS ENTRE 1838-1900

Meses	Solteiros				Casados/viúvos, n ref.				Movimento			
	Assin a	Analf .	Ignor a	Total	Assin a	Analf .	Ignor a	Total	Assin a	Analf .	Ignor a	Total
Janeiro	99	60	3	162	32	13	1	46	131	73	4	208
Fevereiro	141	86	9	236	62	33	1	96	203	119	10	332
Março	206	101	4	311	92	24	5	121	298	125	9	432
Abril	192	100	6	298	99	37	2	138	291	137	8	436
Mai	111	51	2	164	58	17	1	76	169	68	3	240
Junho	80	51	8	139	32	15	2	49	112	66	10	188
Julho	37	24	1	62	16	5	1	22	53	29	2	84
Agosto	60	36	17	113	13	9	3	25	73	45	20	138
Setembro	55	19	4	78	15	11	0	26	70	30	4	104
Outubro	29	31	11	71	12	9	4	25	41	40	15	96
Novembro	22	31	10	63	12	10	1	23	34	41	11	86
Dezembro	42	32	4	78	15	5	1	21	57	37	5	99
Totais	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

[QUADRO 7]
ÁREAS DE NATURALIDADE DE IMIGRANTES GALEGOS SAÍDOS COM
PASSAPORTE EMITIDO EM VIANA ENTRE 1838-1900

Distribuição por Povíncias	Solteiros				Casados/viúvos, não ref.				Total			
	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total
Coruña	148	138	29	315	60	31	7	98	208	169	36	413
Orense	46	21	0	67	7	11	1	19	53	32	1	86
Pontevedra	855	453	42	1350	379	137	11	527	1234	590	53	1877
“Galiza/Lugo”	20	5	5	30	7	6	1	14	27	11	6	44
“Espanha”	5	5	3	13	5	3	2	10	10	8	5	23
Total	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

[QUADRO 8]
EMIGRANTES POR ÁREAS MAIS REPRESENTATIVAS DA CORUÑA E ORENSE POR ESTADO CIVIL E
ALFABETIZAÇÃO SAÍDOS ENTRE 1838-1900

Distribuição por Áreas	Solteiros				Casados/viúvos, não ref.				Total			
	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total
Iria Santa Maria	4	5	0	9	2	0	0	2	6	5	0	11
Dodro	4	6	1	11	0	0	0	0	4	6	1	11
San Cristóval	2	8	0	10	1	0	0	1	3	8	0	11
Santiago	10	3	0	13	0	0	0	0	10	3	0	13
Laiño	7	4	0	11	1	1	0	2	8	5	0	13
Santa Comba	4	8	1	13	0	0	0	0	4	8	1	13
Taragona	6	3	1	10	3	1	0	4	9	4	1	14
Conjo	6	8	0	14	8	0	0	8	14	8	0	22
Padrendo (Orense)	4	12	1	17	4	2	0	6	8	14	1	23

984

[QUADRO 9]
DISTRIBUIÇÃO DE EMIGRANTES POR TERRAS DE PONTEVEDRA, ESTADO CIVIL
E ALFABETIZAÇÃO SAÍDOS ENTRE 1838-1900

Distribuição por Áreas	Solteiros				Casados/viúvos, não ref.				Total			
	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa	Igno ra	Total
Piñeiro (Tuy)	2	7	0	9	1	2	0	3	3	9	0	12
Arbo	10	2	0	12	3	0	0	3	13	2	0	15
Couso	3	6	0	9	6	0	0	6	9	6	0	15
Caniza	10	5	0	15	1	0	0	1	11	5	0	16
Burgueira	13	3	0	16	4	1	0	5	17	4	0	21
Loureira (Oya)	5	13	0	18	1	3	0	4	6	16	0	22
Barbantes (Tomiño)	11	6	0	17	5	3	0	8	16	9	0	25
Forcadela (Tomiño)	15	6	1	22	8	2	0	10	23	8	1	32
Tuy	18	5	0	23	6	2	2	10	24	7	2	33
Estas	18	4	0	22	11	3	0	14	29	7	0	36
Eiras (Rosal)	18	5	2	25	14	2	1	17	32	7	3	42
La Guardia	20	2	0	22	11	8	3	22	31	10	3	44
Tabagon (Rosal)	34	14	4	52	18	8	0	26	52	22	4	78
São Miguel (Oya)	38	7	5	50	18	13	1	32	56	20	6	82
Salceda	50	15	3	68	15	2	0	17	65	17	3	85
Filgueiro (Caniza)	51	22	5	78	27	3	0	30	78	25	5	108
Goyan (Rosal)	103	24	2	129	40	4	1	45	143	28	3	174
Rosal	90	32	5	127	37	11	2	50	127	43	7	177
Tomiño	132	58	4	194	66	21	0	87	198	79	4	281
Total	641	236	31	908	292	88	10	390	933	324	41	1298

[QUADRO 10]

GALEGOS IDENTIFICADOS POR ÁREAS DE RESIDÊNCIA EM PORTUGAL
COM PASSAPORTE EM VIANA DO CASTELO NO SÉCULO XIX

Residência em Portugal	Solteiros				Casado/viúvos, n.ref.				Total			
	Assina	Analfa.	Ignora	Total	Assina	Analfa.	Ignora	Total	Assina	Analfa.	Ignora	Total
Arcos Valdevez	1	0	0	1	2	0	0	2	3	0	0	3
Caminha	4	0	4	8	7	8	3	18	11	8	7	26
Melgaço	18	13	1	32	5	7	0	12	23	20	1	44
Monção	2	3	1	6	7	7	2	16	9	10	3	22
Paredes Coura	4	2	0	6	2	7	1	10	6	9	1	16
Ponte da Barca	0	1	0	1	1	0	0	1	1	1	0	2
Ponte de Lima	2	1	2	5	2	3	1	6	4	4	3	11
Valença	5	1	1	7	17	4	0	21	22	5	1	28
Viana Castelo	9	6	6	21	7	6	1	14	16	12	7	35
V. N. Cerveira	54	18	1	73	12	11	2	25	66	29	3	98
Porto	15	71	1	87	0	3	0	3	15	74	1	90
Total	114	116	17	247	62	56	10	128	176	172	27	375

[QUADRO 11]

GRUPOS PROFISSIONAIS DE GALEGOS/ESPANHÓIS POR ESTADO CIVIL
E INSTRUÇÃO, SAÍDOS COM PASSAPORTE ENTRE 1838-1900

GRUPOS PROFISSIONAIS	Solteiros				Casados/viúvos, não ref.				Total do Movimento
	Assina	Analfa.	Ignora	Total	Assina	Analfa.	Ignora	Total	
Alfaiate, costureira, engomadeira	6	5	0	11	4	3	0	7	18
Pedreiro, artista, alvanel, canteiro, calceteiro,	174	54	1	229	91	28	2	121	350
Carpinteiro	26	5	1	32	9	4	0	13	45
Pintor, caiador	4	2	0	6	4	0	0	4	10
Caixeiro, estudante, escrevente	45	1	0	46	2	0	0	2	48
Criado, servente, trabalhador, aguadeiro, bracer	75	108	5	188	13	12	0	25	213
Jornaleiro	294	150	8	452	127	43	1	171	623
Lavrador	337	245	33	615	138	70	6	214	829
Ferreiro, serralheiro	9	5	0	14	12	3	0	15	29
Comerciante, negociante, alarife empreiteiro, mamposteiro	19	1	0	20	16	2	0	18	38
Marítimo, pescador, marinheiro	5	6	0	11	5	8	1	14	25
Padre, professor, proprietário	4	1	0	5	7	0	0	7	12
Forneiro, telheiro	20	5	0	25	6	1	1	8	33
Sapateiro,	8	4	0	12	4	2	0	6	18
Padeiro, cozinheiro, confeitoiro	0	8	0	8	3	1	0	4	12
Não referidas	33	15	29	77	8	1	11	20	97
Várias actividades	15	7	2	24	9	10	0	19	43
Total	1074	622	79	1775	455	188	22	668	2443

[QUADRO 12]
DESTINO DE EMIGRANTES GALEGOS POR ESTADO CIVIL
E INSTRUÇÃO SAÍDOS ENTRE 1838-1900

Áreas de Destino	Solteiros				Casados, viúvos, não ref.				Total			
	Assi na	Anal fa.	Ign ora	Total	Assi na	Anal fa.	Igno ra	Total	Assi na	Anal fa.	Igno ra	Total
“Brasil”	190	122	26	338	101	58	9	168	291	180	35	506
Pará	5	5	1	11	5	1	0	6	10	6	1	17
Rio de Janeiro	570	306	29	905	256	94	7	357	826	400	36	1262
Pernambuco	15	7	0	22	2	1	0	3	17	8	0	25
Buenos Aires	210	112	5	327	53	16	4	73	263	128	9	400
Havana/Valparaíso	1	0	5	6	3	0	1	4	4	0	6	10
Montevideu	62	55	2	119	27	8	0	35	89	63	2	154
São Paulo	0	2	7	9	1	4	1	6	1	6	8	15
Vários Brasil (*)	10	3	0	13	5	2	0	7	15	5	0	20
Outros (**)	7	9	3	19	5	4	0	9	12	13	3	28
Não referido	4	1	1	6	0	0	0	0	4	1	1	6
Totais	1074	622	79	1775	458	188	22	668	1532	810	101	2443

(*) Baía, Rio Grande do Sul 9; Praia Grande 1; Santos 6

(**) Europa, Luanda

Bibliografia⁹⁷

1st European Conference of the International Commission on Historical Demography. (1993) vol. I/II, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Consellería de Educación e Ordenación Universitaria.

Alonso, Blanca Sánchez- (1995) *Las Causas de la Emigración Española, 1880-1930*. Madrid: Alianza Editorial.

Alves, Jorge Fernandes- (1994) *Os Brasileiros, Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Edição do Autor.

Alves, Jorge Fernandes- (1997) *Peregrinos do Trabalho. Perspectivas sobre a Imigração Galega em Porto*, in «Estudos Migratorios», nº 4, Santiago de Compostela: Conselho de Cultura Galega/Arquivo de Emigración Galega.

Alves Jorge Fernando; FERREIRA, M. Fernanda V.; MONTEIRO, M. do Rosário- (1992) *Imigração Galega na cidade do Porto (2ª metade do século XIX)*. separata de «Revista da Faculdade de Letras, História», II Série, Vol. IX, Porto: Faculdade de Letras.

Asenjo, A. J. González- (1985) *La Resistencia al Servicio Militar en Galicia, 1837-1874*. in «Estudios de Historia Social».

Carmagnani, Marcello- (1994) *Emigración Mediterránea y América*. Gijón: Fundación Archivo de Indianos.

Castelao, Ofelia Rey- (1993) *Migraciones internas y medium-distance en Galicia, siglos XVI-XIX*, in *1st European Conference of the International Commission on Historical Demography*, vol. II. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Consellería de Educación e Ordenación Universitaria.

Castelao, Ofelia Rey; Rodríguez, Francisco Pérez- (1992) *Movimientos Migratorios en el Municipio de A Caniza, siglos XVII al XIX*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*, Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Censo da população do Reino de Portugal. (1896) vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional.

Cortizo, Camilo Fernández- (2009) *A imigración galega no Entre-Douro e Miño de 1700 a 1850, condicións persoais e ocupacións profesionais dos emigrantes*. Revista «Estudos Regionais», nº 4, Viana do Castelo.

Cortizo, Camilo Fernández- (1992) *Trabajar por sus Oficios Fuera del Reino, el Éxodo Estacional en la Tierra de Montes (ss. XVII-XIX)*. in ROEL, António Eiras- (editor) *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Dias, Angel Mato e BAÑUELOS, Aida Terrón – (1993) *Escuelas de Emigrantes: Una Modalidad de educación Colonial*, Comunicação policopiada apresentada ao XV International Standing Conference for the History of Education, Faculdade de Psicologia/C. Educação da Universidade Nova. Lisboa.

⁹⁷ Remetemos, relativamente às fontes primárias, para a nossa dissertação de Doutoramento citada ao longo do texto.

- Escolano, Agustín- (1992) *Leer y Escribir en España, Doscientos años de Alfabetización*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Ezquieta, Carlos J. Idoate- (s.d.) *Emigración Navarra del Valle de Baztan a América durante el Siglo XIX*. Pamplona: Gobierno de Navarra/Departamento de Educación y Cultura.
- Fernández, Xosé Ramón Barreiro- (1998) *Estatística Migratoria dunha Parroquia Galega (San Salvador de Pazos, Pontedesco)*. in «Estudios Migratorios», nº 5, Santiago de Compostela: Consello de Cultura Galega/Arquivo de Emigración Galega.
- Gabriel, Narciso de- (1985) *Emigración y Alfabetización en Galicia*, in «Historia de la Educación, Revista Interuniversitaria», nº 4, enero-diciembre. Salamanca.
- Gabriel, Narciso de- (1990) *Leer, Escribir y Contar, Escolarización Popular y Sociedad en Galicia (1875-1900)*. Coruña: Edicións do Castro.
- Gabriel, Narciso de- (1992) *Lengua y Escuela en Galicia*. in ESCOLANO, Agustín- (dirección) *Leer y Escribir en España, Doscientos años de Alfabetización*, Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Galdo, M^a Xosé Rodríguez - [1984?], *A Economía en Galicia no Século XIX*. in «*Ias Xornadas de Historia de Galicia, Aspectos da Realidade galega (Séc. XVI ó XX)*». Orense: Diputación Provincial de Ourense.
- Galdo, M^a Xosé Rodríguez- (1996) *Emigración y Evolución de los Indicadores Demográficos en Galicia (1750-1930)*. in PORTILLA, Manuel González e SANGRÓNIZ, Karmele Zárraga- (editores) *Los Movimientos Migratorios en la Construcción de las Sociedades Modernas*. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.
- Galdo, M^a Xosé Rodríguez- (1998) *Mulleres e Emigración na Historia Contemporánea de Galicia*. in «Estudios Migratorios» nº 6. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Galdo, María Xosé Rodríguez- [1995?], *O fluxo Migratorio dos séculos XVIII-XX*. s.l.: Xunta de Galicia.
- Gallardo, César Yáñez- (1994), *La Emigración Española a América, (siglos XIX-XX)*. Gijón: Fundación Archivo de Indios.
- García, Fe Iglesias- (1995) *Características de la Inmigración Española en Cuba, 1904-1930*. in Sanchez-Albornoz, Nicolas- (compilación de), *Españoles Hacia América, la Emigración en Masa, 1880-1930*. primeira reimpresión, Madrid: Alianza Editorial.
- García, Ramón Lanza – (2002) *De norte a sur: las migraciones de la fachada cantábrica en la España moderna*. in Roel, Antonio Eiras e Lopo, Domingo L. González – (coordinación) *Movilidad interna y migraciones intraeuropeas en la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- González, Alejandro Vázquez- (1999), *La Reducida Aportación Gallega a la Agricultura Americana, 1830-1936: una Interpretación*. in FERNÁNDEZ, Alejandro E. e MOYA José C., (editores), *La Inmigración Española en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Biblos.
- González, Alejandro Vázquez- (1995) *Las Dimensiones Microsociales de la emigración Gallega a América: las Funciones de las Redes Sociales Informales*. in Miñambres, Moisés Llordén- *Acerca de las Migraciones Centroeuropeas y Mediterráneas a Iberoamérica: Aspectos Sociales e Culturales*. Oviedo: Universidad de Oviedo.
- González, Alejandro Vázquez- (1995) *La Emigración Gallega. Migrantes, Transporte y Remesas*. in Sanchez-Albornoz - Nicolas- (compilación) *Españoles Hacia América, la Emigración en Masa, 1880-1930*, 2^a ed., Madrid: Alianza América.
- González, Alejandro Vázquez- (1996) *O Uso de Fontes Persoais para o Estudo da emigración Galega a América (1830-1930)* in «Estudios Migratorios» nº 2/Diciembre. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- González, M^a Soledad del Valle- (1992) *La Emigración en la Comarca de Donzón Segun los Expedientes de Quintas*. in ROEL, Antonio Eiras- (editor) *Aportacións al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*, Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.
- González, Román Rodríguez- (1998) *A Emigración de Retorno nas Pequenas Cidades Galegas*, in «Estudios Migratorios» nº 5/Diciembre. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Hernández, Antonio M. Macías- (1995) *Un Siglo de Emigración Canaria, 1830-1930*. in Sanchez-Albornoz, Nicolas- (compilación) *Españoles Hacia América, la Emigración en Masa, 1880-1930*. 2^a ed., Madrid: Alianza América.
- Klein, Herbert- (1996) *La Inmigración Española en Brasil, (siglos XIX y XX)*. Gijón: Fundación Archivo de Indios.

Labrador, Alberto Pazo e SOLLA, Xosé Manuel Santos- [1995] *Poboación e Territorio, as Parroquias Galegas nos Últimos Cen Anos*, [Santiago de Compostela]: Difux S. L..

Lestón, Xosé Vincenzo Freire- (1996) *A Prensa de Mulleres en Galicia, 1841-1994*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Lopo, Domingo Luis González- (2009) *La movilidad de la población portuguesa en el siglo XVIII: la inmigración en Lisboa, 1745-1746. Origen geográfico e inserción laboral*, in revista «Estudos Regionais», nº 4. Viana do Castelo.

Lopo, Domingo Luis González- (1989) *Una aproximación a la Emigración de la Galicia Occidental entre Medios del Siglo XVII y el Primer Tercio del XX, a través de las Fuentes de Protocolos y Archivos Parroquiales*, Separata de «Revista da Comisión Galega do 5º Centenario», nº 6.

Mendez, Manuel Fernández- (1992) *Análisis espacial y evolución cronológica de la emigración lucense a partir de expedientes de soltería (1845-1930)*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Moreira, Manuel António Fernandes – (1985) *A Presença de Galegos em Viana da Foz do Lima no Século XVI. Separata de Actas do Colóquio «Santos Graça» de Etnologia Marítima, povoamento e Administração, Aspectos Sociais*, volume III, Póvoa de Varzim.

Motes, Jordi Maluquer- (1998) *As Remesas dos Emigrantes na Modernización da Economía Española Trala Crise Colonial (1898-1913)* «Estudios Migratorios» nº 6/Diciembre. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Oliveira, Maria Coleta F. A. de- e Madeira, Felícia R.- (1992) *Población y fuerza de Trabajo: el Caso de la Cafeicultura en el Oeste Paulista*. in Sanchez-Albornoz - Nicolas- (compilacion) *Población y Mano de Obra en America latina*, 1ª reimpresão, Madrid.

Ordem, Maria Lilianda da- (1995) *La Insercion Social de los Españoles en la Argentina: el Caso de Mar del Plata (Provincia de Buenos Aires).1880-1930*, in Miñambres, Moisés Lordén- *Acerca de las Migraciones Centroeuropeas y Mediterráneas a Iberoamérica: Aspectos Sociales e Culturales*. Oviedo: Universidad de Oviedo.

Paredes, Carlos Sixirei- [1995] *Galeguidade e Cultura no Exterior*, s.l., Xunta de Galicia.

Patiño, María Luz Rama- (1992) *El Seguimiento del Fenómeno Migratorio en el Municipio de Carballo a través de los Padrones de Habitantes (1860-1920)*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Patiño, María Luz Rama- (1992) *Examen de los Movimientos Migratorios en el Municipio de Padrón en las Décadas Centrales del Siglo XIX*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Paz, Ramón Villares- (1981) *Emigración*, in AA.VV. *Historia de Galiza*, 2ª ed., Madrid: Editorial Alhambra.

Pinedo, Emiliano Fernández de- (1995) *Los Movimientos migratorios vascos, en especial hacia América*, in Sanchez-Albornoz - Nicolas- (compilacion) *Españoles Hacia America, la Emigracion en Masa. 1880-1930*, 2ª ed., Madrid: Alianza America.

Portilla, Manuel González e Sangróniz, Karmele Zárrega, editores- (1996) *Los Movimientos Migratorios en la Construcción de las Sociedades Modernas*. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.

Prado, A. Meijide- (1960) *La Emigración Gallega Intrapeninsular en el siglo XVIII*, in *Estudios de Historia Social de España*. Tomo IV. Madrid: Instituto Balmes de Sociología/C.S.I.C.

Rodrigues, Henrique- (1993) *Emigração, Conjunturas Políticas e Económicas, in Emigração, Imigração em Portugal, Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal, séculos XIX e XX* Lisboa: Editorial Fragmentos.

Rodrigues, Henrique- (1995) *Emigração e Alfabetização, O Alto-Minho e a Miragem do Brasil*. Viana do Castelo: Governo Civil.

Rodrigues, Henrique – (1998) *Emigração e Cultura Física, Abordagem à sinalética do Emigrante saído para o Brasil no século XIX*, Separata de «Actas do IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais», Rio de Janeiro.

Rodrigues, Henrique Fernandes- (1992) *Emigração Galega para o Brasil Através de Viana do Castelo (1838-1860) Análise à Alfabetização e ao Perfil Sócio-profissional*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Rodrigues, Henrique Fernandes- (1993) *Emigração Clandestina de Portugueses para Espanha no Século XIX (Análise dos Livros de Recenseamento Militar, 1855-1865)*. separata de *1st European Conference of the*

Interntional Comission on Historical Demography. vol. II, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Conselleria de Educación e Ordenación Universitaria.

Rodrigues, Henrique Fernandes- (2007) *Migrações internas e de média distância de mancebos do Noroeste de Portugal na segunda metade de oitocentos*. Comunicação apresentada ao VIII Congreso da ADEH (Asociación de Demografía Histórica). Maó: Minorca.

Rodríguez, Manuel Angel Fernández- (1992) *Caracteres y transformaciones de la emigración de Ribadavia en el período 1840-1920*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Rodríguez, Manuel Angel Fernández- (1992) *Evolución migratoria en el municipio de Melon: mediados del siglo XVII a comienzos del siglo XX*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas,.

Roel, Antonio Eiras- (1992) *La Emigración Gallega a las Américas en los Siglos XIX y XX. Nueva Panorámica Revisada*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Roel, António Eiras- (1992) *Para una comarcalización del Estudio de la Emigración Gallega. La Diversificación Intraregional a través de los Censos de Población (1877-1920)*. in *Aportaciones al Estudio de la Emigración Gallega, un Enfoque Comarcal*. Santiago: Xunta de Galicia/Secretaría de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Saavedra, Vicente Peña- (1995) *As Sociedades Galegas de Instrucción: Pretexto educativo e Realizacións Escolares*, in «Estudios Migratorios» nº 1/Diciembre. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Sanchez-Albornoz - Nicolas- (compilacion), (1992) *Población y Mano de Obra en America latina*, 1ª reimpresão, Madrid.

Silva, Érica Sarmiento da – (2007) «Pelos logradouros cariocas: uma perspectiva da emigração galega no Rio de Janeiro», in *A Emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPSE-Centro de Estudos da População Economia e Sociedade/Edições Afrontamento.

Silva, Francisco Ribeiro da- (1984) *Porto e Galiza: embarcações Galegas no Transporte de Vinho do Douro (1662 e 1626)*. in «Lucerna», Porto.

Silvar, G. Álvarez- (1997) *La Emigración de retorno en Galicia*. Santiago de Compostela: Secretaría Xeral de Realacións coas Comunidades Exteriores da Xunta de Galicia.

Sonesson, Birgit- (1995) *La Emigración Española a Puerto Rico. Continuidad o irrupción bajo nueva soberanía?*. in SANCHEZ-ALBORNOZ- Nicolas- (compilacion) *Españoles Hacia America, la Emigracion en Masa, 1880-1930*. 2ª ed., Madrid: Alianza America.

Souza-Martins, José de- *La Inmigración en Brasil*. in Sanchez-Albornoz - Nicolas - (compilacion) (1995) *Españoles Hacia America, la Emigracion en Masa, 1880-1930*. 2ª ed., Madrid: Alianza America.

Taboada, José Antonio Lopez- (1993) *Emigracion Gellega a Portugal en la Primeira Mitad del Siglo XIX*. in *1st European Conference of the Interntional Comission on Historical Demography*. vol. II, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia/Conselleria de Educación e Ordenación Universitaria.

Vasconcellos, José Máximo de Castro Neto Leite e – (1864) *Collecção Official da Legislação Portuguesa, anno de 1863*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Vázquez, Raúl Soutelo- (1998) *Memória Oral e Identidade Étnica da inmigración Española a Latinoamérica no século XX: Os Galegos en Brasil, 1880-1970*. in «Estudios Migratorios» nº 6/Diciembre, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Veleiro, Teresa Táboas- (1998) *Emigración e Arquitectura, Os Brasileiros*, Separata da revista «Pontevedra» nº 14, Vigo.

Venegas, Eladio Méndez- (1995) *Emigrantes a América (s. XVI-XVIII)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.

Villares, Ramón- [1996 ?] *Historia da Emigración Galega a América*. s.l.: Xunta de Galicia/Secretaria Xeral de Relaciones coas Comunidades Galegas.

Yáñez, César- (1999) *Los Mercadores de Trabajo Americanos para la Emigración Español Ultramarina (siglos XIX y XX)*. in Fernández, Alejandro E. e Moya, José C., (editores) *La Inmigración Española en la Argentina*, Buenos Aires: Editorial Biblos.